



JARDIM DA MOURARIA
MEMÓRIA DESCRITIVA E JUSTIFICATIVA

CONCURSO PÚBLICO DE CONCEÇÃO PARA A ELABORAÇÃO DO PROJETO DE
REQUALIFICAÇÃO DA PRAÇA DO MARTIM MONIZ

índice

1. síntese	p. 3
2. leitura do lugar	
2.1 passado	p. 4
2.2 presente	p. 5
3. proposta / abordagem	
3.1 rasgo	p. 6
3.2 <i>tópos et aqua</i>	p. 7
3.3 confluência	p. 7
3.4 jardim da mouraria	p. 8
4. proposta / definição geral	
4.1 traços gerais	p. 9
4.2 estrutura verde	p. 10
4.3 biodiversidade e sustentabilidade	p. 13
4.4 conforto climático, biofilia e saúde	p. 13
4.5 pavimentos e permeabilidade	p. 14
4.6 ligações pedonais e sistema de vistas	p. 15
4.7 microcentralidades e património	p. 15
4.8 atividades, equipamentos e mobiliário	p. 16
4.9 arte urbana	p. 18
5. proposta / definição técnica	
5.1 sistema de mobilidade	p. 19
5.2 sistema hídrico	p. 21
5.3 condicionantes subsolo	p. 21
5.4 sistema de iluminação	p. 22
5.5 outras infraestruturas técnicas	p. 23
5.6 quadro de áreas e estimativa de custo	p. 24



1. síntese

Do passado retém-se a memória de um **vale entre colinas** e de um **curso de água** que rumava ao Tejo, aos quais se seguiram camadas de terra produtiva, onde **amalgamas sociais** desde há muito se fizeram aqui paisagem. Do líquido ao sólido, a Praça do Martim Moniz é atração que emana da desordem, do caos, da permissibilidade. Confluências, conflitos e harmonias são quotidiano deste lugar - **um palco social** de riqueza ímpar, onde o desconforto de um ambiente artificial prevalece.

Mantendo este palco como património, recupera-se a origem do lugar num processo de **renaturalização**. Sobre esta *tela vazia* abrem-se **rasgos** para que a **natureza volte a emergir e contamine a cidade**. Rasgos que são nascente, guelras que se integram no sistema respiratório da cidade. Linhas que antes eram limite, agora apontam, sugerem, mas nunca confinam - uma **desconstrução do limite** que a praça impunha, convidando à permeabilidade e liberdade.

O jardim reflete uma composição de **três rasgos** que criam distintas topografias e massas vegetais - **pinhal, choupal e floresta**. Os dois primeiros marcam a entrada a norte. Sob o pinhal, a poente, abre-se uma clareira virada à Mouraria e ao Castelo. A nascente, o choupal sombreia um terreiro onde um anfiteatro fresco dinamiza a vida social e comercial. A sul, uma densa floresta urbana e uma encosta protegem uma clareira que contempla a Graça e a Senhora do Monte. À paisagem introduz-se o conceito de **mediterrâneo fusionado**: vegetação mediterrânica como base maioritária funde-se e harmoniza-se com vegetação exótica, num diálogo expressivo com as culturas sociais que aqui povoam. Estes **três momentos convergem** para um centro: uma **praça de água**. Água encaminhada pela tensão do vale que aqui desagua e é retida numa suave *barragem*. Forma-se um plano espelhado, de limite indefinido, cujo nível se assume dinâmico ao longo do ano. Para aqui, tudo conflui - a **topografia e a água**, símbolo da vida, tornam-se chão comum, união entre culturas, memória do passado e espelho do presente. Com esta centralidade espacial e simbólica, **o jardim abre-se à Mouraria**.

Explorando as dinâmicas deste lugar de transição, as pessoas tornam-se elemento privilegiado de uma mobilidade fluida, garantindo-se livre circulação, expressão e apropriação, num jardim que comemora a identidade natural e a riqueza humana deste lugar. O **Jardim da Mouraria** é uma celebração às pessoas, às gentes da Mouraria, as de cá e as de lá, as de ontem e as de amanhã, as que passam e as que permanecem.

*Dammi l'acqua
dammi la mano
dammi la tua parola
che siamo,
nello stesso mondo.
Dá-me água
dá-me a mão
dá-me a tua palavra
que somos,
do mesmo mundo.*

Chandra Candiani

*“...quando uma obra está
terminada, está morta. Pelo
contrário, a natureza nunca
conclui nada.”*

Gilles Clément

1. Fotografia aérea
Jardim da Mouraria

2. Fotografia aérea
Praça do Martim Moniz

1



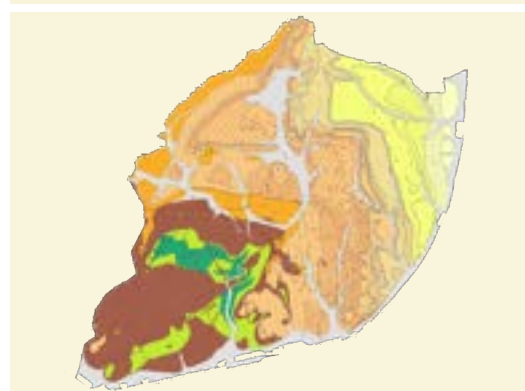
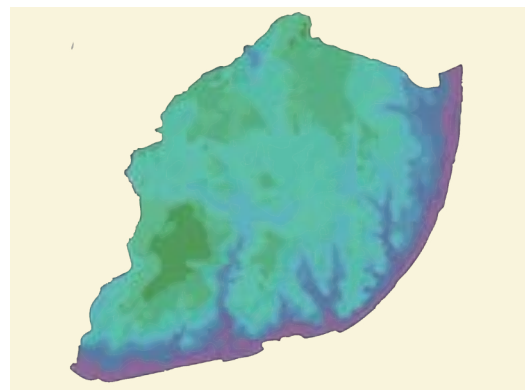
2. leitura do lugar

2.1 passado

O lugar que hoje conhecemos por Praça do Martim Moniz é a sùmula de um conjunto de características naturais que o moldaram ao longo do tempo. Embora a densa cidade de hoje dificulte essa leitura, torna-se crucial, no contexto da sua requalificação, compreender a natureza do lugar (anterior à ocupação humana) e o seu papel no desenvolvimento deste local da cidade.

Entre três colinas (duas a nascente, uma a poente), o atual Martim Moniz situa-se num vale - o vale da Mouraria. Este baixio define um dos dois principais eixos naturais que formam o território de Lisboa central. O outro é o Valeverde, a poente da colina de Santana, hoje coincidente com a Avenida da Liberdade. Os dois avançam para sul, em cunha, e encontram-se na zona baixa da cidade que foi, outrora, um dos esteiros do Rio Tejo. Nesta topografia acidentada corria água: o ribeiro de Arroios deambulava a céu aberto, por entre colinas, descendo, até desaguar no Tejo. **As colinas, o vale e a água definem a identidade natural deste lugar.**

A história diz-nos que estes elementos naturais moldaram também as suas dinâmicas de ocupação e desenvolvimento. Devido à **presença da água** e à protecção do vale, este arrabalde da Lisboa antiga foi terreno fértil para a agricultura que alimentava as populações. Com a construção da Cerca Fernandina, esta área cristalizou uma conotação marcante: tornou-se um lugar **fixado para lá da muralha**. As colinas, onde estavam a corte e a igreja, olhavam de cima para a Baixa Mouraria, onde os serviçais e os camponeses trabalhavam e viviam. Esta passou a ser uma zona mal-afamada onde se acumulavam os mais pobres e os seus trabalhos “menores”, os forasteiros, à procura de uma vida melhor na capital, os bordéis e a prostituição, a vida boémia. Com o crescimento da cidade e o declínio das hortas, outros ofícios se sedimentaram, como a olaria e os couros, ambos dependentes da água. O vale tornou-se, gradualmente, um dos principais eixos de pequenos comerciantes, cuja compra e venda de bens era a sua sobrevivência. A expansão da cidade e o intenso processo urbanístico a partir do século XVI densificaram a periferia, justificando a abertura da Rua da Palma. A partir daí, a Porta da Mouraria e a Porta da Rua da Palma tornaram-se entrada e saída constantes da cidade. Este torna-se então um **lugar de transição** - entrar e sair, chegar e partir, vender e comprar: um caos de movimento. No século XX, com um crescimento urbano e populacional galopante, esta porta da cidade estrangulou e rapidamente se degradou - tornou-se lugar maldito, desprezado e sujo. Sob enorme pressão da opinião pública, iniciou-se em 1946 um violento programa de expropriações e abate de edifícios, criando um monumental buraco na cidade que ficou estagnado décadas, e foi



3, 4



2

1. Carta Topográfica da cidade de Lisboa e seus arredores de Filipe Folque e F. M. Pereira da Silva - 1878. Projeto de esgotos da capital; Arquivo Municipal de Lisboa - UROB-OM/06/013.

2. Planta que ilustra a sobreposição do antigo esteiro do Tejo e dos seus ribeiros com a malha da cidade incluindo a Baixa Pombalina.

3. Planta de Topografia de Lisboa.

4. Planta de Solos de Lisboa.

1



2, 3



sendo alvo de inúmeros planos grandiosos nunca realizados, cravando-se como uma espécie de **vazio urbano**. Esse vazio, por ser uma porta e, simultaneamente, lugar pobre da cidade, estabeleceu-se, desde há muito, como uma **plataforma de recepção** de gente vinda de fora. As ondas sucessivas de forasteiros contaram inicialmente com os portugueses rurais e mais tarde com os Galegos; no período das colónias os Africanos, os Indianos de Goa e Diu, via Moçambique; no século XX, os Chineses; mais recentemente, os Bengalis, Paquistaneses e Nepaleses, entre outros. Ao longo da história, este local sedimentou-se, gradualmente, não só como “A” porta de entrada de Lisboa, mas também de Portugal. Estas dinâmicas sociais trouxeram uma das principais riquezas do sopé da Mouraria - **as pessoas**. Os **recursos naturais**, o **lugar extramuros** e **de transição**, o **comércio** e as **pessoas** aguerridas e sempre em movimento, definiram até hoje este território.

2.2 presente

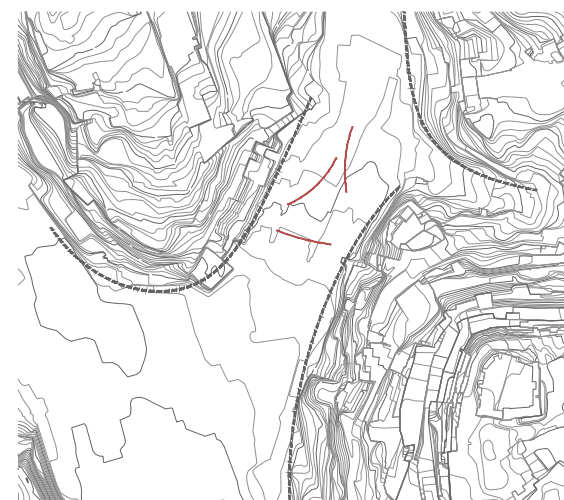
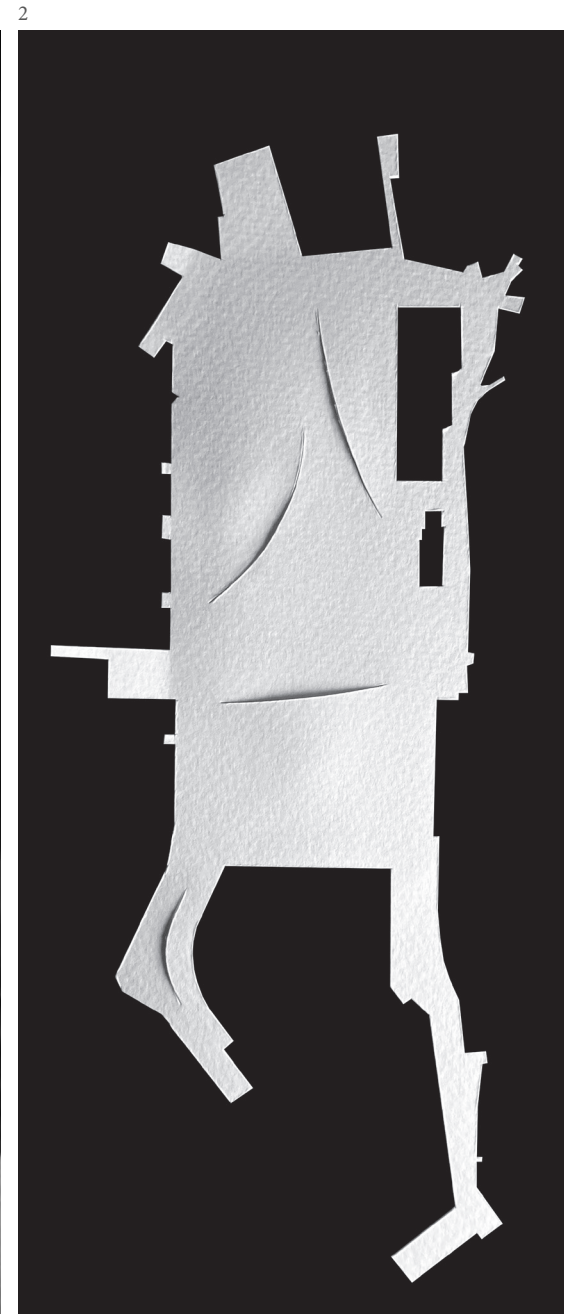
A Praça do Martim Moniz é hoje um conjunto de fluxos e dinâmicas sociais, culturais, económicas e políticas riquíssimas e variadas, presas por um **desenho urbano obsoleto e segregacionista**. Existe uma quase total separação na ocupação atual dos espaços entre grupos populacionais: imigrantes, que ocupam sobretudo a “placa” central, agrupando-se dentro das respectivas etnias; portugueses, que tendencialmente ocupam as ruas periféricas, de passagem ou em acesso ao comércio; turistas, que varrem as duas zonas passageiramente, tendo nos transportes turísticos e acessos a outras zonas da cidade os seus destinos. É, também, um nó rodoviário sem qualquer permeabilidade pedonal entre a envolvente e o espaço central, funcionando como uma ilha rodeada pela insegurança, desconforto e poluição (sonora e visual) que o tráfego automóvel comporta. Como se não bastasse, temos ainda a desqualificação do pouco edificado histórico que sobreviveu (grande parte já dizimado), que é gritante e prejudicial para a imagem da cidade: a Torre do Jogo da Pêla ao abandono, a Capela da Nossa Senhora da Saúde colada a um centro comercial. Por último, o próprio desenho da praça incorpora em si uma rigidez inútil (própria da época), que colide com a necessidade de as pessoas viverem este espaço em liberdade. À rigidez acrescenta-se uma aridez que exacerba os efeitos negativos do clima: com calor, ele é amplificado; com vento, nada o trava; com chuva, nada a absorve. A comprovar, e apesar da proximidade ao rio, esta está classificada como uma das áreas prioritárias para criação de um refúgio climático*. Por estas razões, o Martim Moniz de hoje está muito longe de conseguir aproveitar e potenciar a riqueza humana de que dispõe: de convidar à confluência entre culturas, de ser assimilado como um lugar de permanência, de contribuir para a integração, de favorecer a qualidade de vida e, acima de tudo, de valorizar a sua história, as suas gentes e a cidade de Lisboa. Aquilo que nos parece essencial é potenciar o que de bom este lugar tem e sempre teve: **a natureza** (as colinas, o vale e a água) e **as pessoas** (as de cá e as de lá).

“Uma igreja, um palácio, um teatro, um arco..., tudo abaixo numa só praça – não foi uma embirração, foi uma razia. (...) Repito, o desrespeito continuado e antigo por um lugar extramuros. Mas, repito também, a solução não está num próximo deita-abaixo e mais planos grandiloquentes. A solução passa por respeitarmos o essencial: as velhas e as recém chegadas suas gentes.”

Ferreira Fernandes, A Mensagem, 22/02/2021

* <https://manuelbanza.github.io/refugios-climaticos-lisboa-priorizar/>

1-3. O Martim Moniz ao longo da história como lugar de transição, Arquivo Municipal de Lisboa



3. proposta / abordagem

3.1 rasgo

A cidade é, na sua essência, um lugar artificializado que a natureza constantemente tenta destruir e que o homem constantemente tenta reconstruir. A procura por um equilíbrio entre o mundo humano e o natural é um desafio cada vez mais relevante e presente na requalificação das cidades. Embora seja evidente que construir um jardim é, em si mesmo, um acto também ele artificial, não deixa de ser uma aproximação a um ideal de equilíbrio.

No último grande processo de repensar esta área da cidade como um todo (o concurso público de 1980), o grande tema foi a criação de um novo centro urbano para a cidade de Lisboa. Pretendia-se um lugar cosmopolita, onde a praça, como espaço público, desempenhava o papel principal e onde a ideia da cidade funcional e zonificada, associada à mobilidade viária e estacionamento, estavam no cerne da questão e eram tomadas como ideal de desenvolvimento. Esta visão da cidade, tecnocrata e desassociada de uma relação de equilíbrio com a natureza, representa hoje um complexo problema nas nossas cidades, que começa a ficar cada vez mais à vista com o agravamento das consequências reais das alterações climáticas.

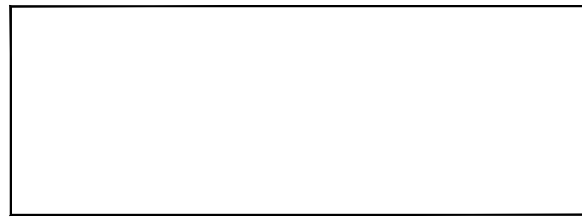
O Martim Moniz é hoje uma grande rotunda, com o subsolo praticamente todo infraestruturado e impermeabilizado. Um lugar dominado pelo carro e pelas suas inúmeras variantes. Um lugar poluído e ruidoso. Um lugar onde a natureza dificilmente subsiste: a água evapora, as árvores minguam, a sombra foge. Entendemos a actual Praça do Martim Moniz como um **plano bidimensional**, cada vez mais artificial: uma tela densa, opaca, impermeável, impenetrável, seca, áspera e vazia. Criar um jardim neste contexto é, antes de mais, a necessidade de pensar um caminho que nos consiga transportar de um imaginário urbano para um natural. Propomos um processo de renaturalização que se inicia com um gesto simples mas disruptivo, simbólico e espacial: o **rasgar** dessa tela impermeável e bidimensional, **para que a natureza volte a emergir e contamine a cidade.**

Através deste acto espacial, revelam-se e resolvem-se os dois objetivos fundamentais: **dar à cidade um novo “alvéolo pulmonar”**, que contribua e se integre nos restantes organismos respiratórios da cidade, para que esta se consiga regenerar, e **integrar um carácter de liberdade e fluidez** no jardim, contribuindo para que a diversidade e riqueza cultural humana deste lugar se possa expressar.

1. Lucio Fontana, *Concetto Spaziale*, 1961-63

2. Maquete concetual da proposta

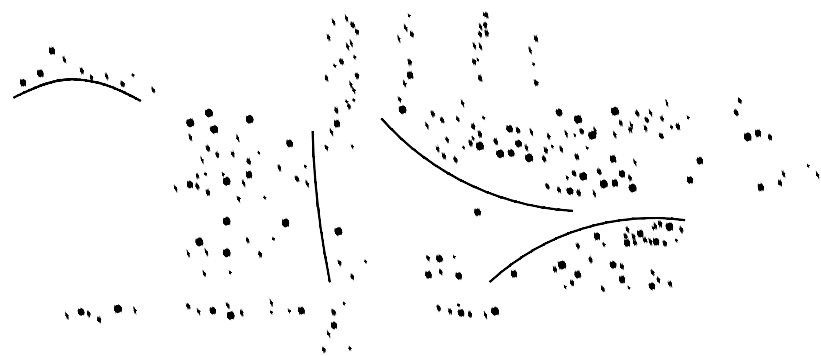
3. Desenho concetual - relação entre rasgos e colinas



PRAÇA



JARDIM

JARDIM DA
MOURARIA

3.2 *tópos et aqua*

Os rasgos que aqui propomos são entendidos como actos espaciais para interferir (ou mesmo ferir) este lugar da cidade e, com isso, o transformar. Essa transformação advém da sua capacidade para criar uma topografia - uma reinterpretação do território natural, do vale, das colinas, da água. Para além de **elementos simbólicos de confluência e de convergência**, a topografia e a água são elementos físicos e espaciais que introduzem fluidez e permeabilidade ao espaço, ao mesmo tempo que criam proteção e intimidade. Através destes gestos, pretende-se: reforçar a presença do vale (recuperando o imaginário do antigo ribeiro que por lá corria) e encaminhar a água para o centro do jardim; criar subtis relevos, que se relacionam com as colinas e a envolvente da cidade e que intensificam uma ideia de centro vivido; intensificar tensões e alargamentos que reforçam a permeabilidade e fluidez entre a envolvente e o centro do jardim. A **topografia e a água** são, na nossa proposta, **o chão comum** que une pessoas, costumes, culturas, mas também espécies de fauna e flora.

3.3 *confluência*

Entre uma Praça e um Jardim há algo que lhes é intrinsecamente comum - o limite. Uma praça pressupõe sempre um qualquer limite, físico ou espacial, mas também cultural e social. Um jardim, historicamente, parte da ideia de paraíso, de lugar murado, onde o que existe dentro é uma idealização do belo, distante do mundano. Aqui encontramos-nos perante o desafio de transformar uma praça num jardim. É um facto que a Praça do Martim Moniz está assimilada pela população como tal e isso é notório na sua quantidade e diversidade de apropriações culturais e políticas. Por outro lado, a confluência de diferentes costumes e modos de estar obriga a um entendimento do espaço que não se compadece com a ideia de um limite. Sendo claro que o que se pretende é a criação de um jardim que introduza um novo “paraíso natural” na baixa da cidade e, simultaneamente, manter a riqueza multicultural que o povo, torna-se evidente que a ideia de limite tem de ser reinterpretada.

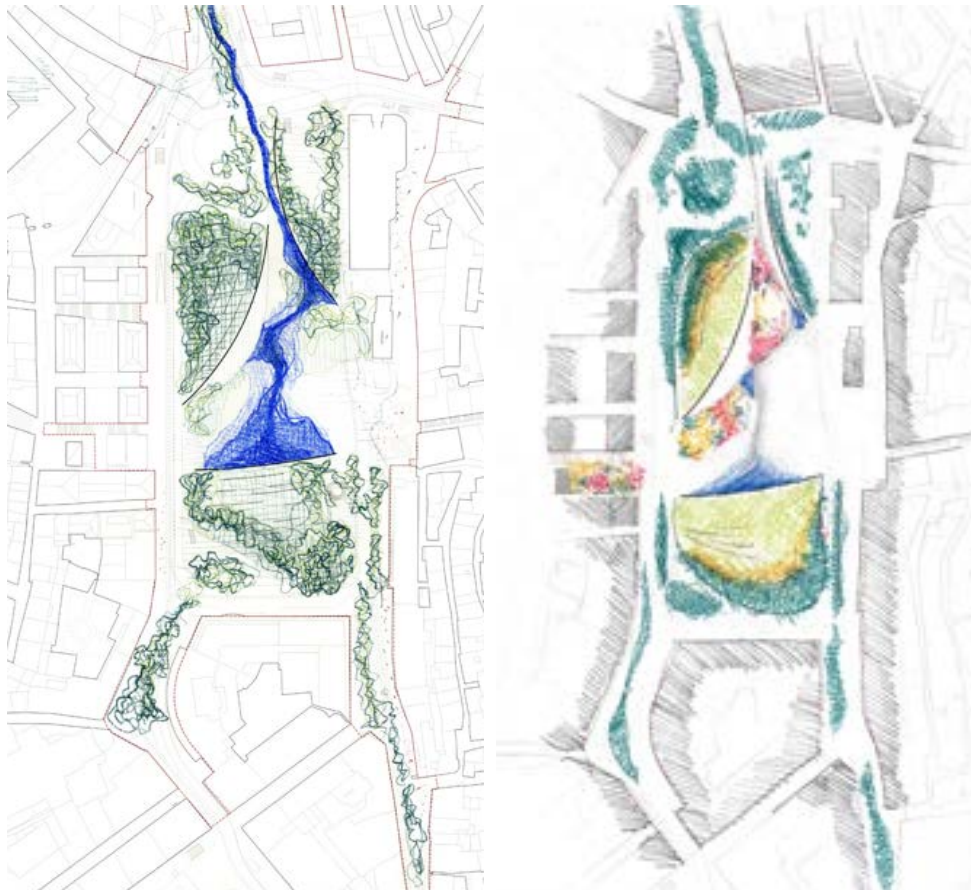
A proposta que fazemos é um lugar que desconstrói essa ideia de limite, que a praça e o jardim incorporam, e que transforma essas mesmas linhas que seriam limitadoras e inibidoras em linhas dinâmicas, permeáveis e fluidas. Estas linhas que desenham o jardim apontam, sugerem, mas não limitam. Interagem com os elementos naturais do lugar, com as vistas da cidade, com os edifícios envolventes, com as ruas. Convidam ao atravessamento, à permanência e à apropriação das pessoas, em liberdade. Reforçam a confluência e um certo caos mas, em simultâneo, também permitem introspeção e silêncio. Criam uma multiplicidade de espaços e ambientes, de escalas, de modos de utilizar, mas nunca uma ideia de zonificação e segregação.



3.4 jardim da mouraria

Propomos o nome de Jardim da Mouraria para este novo lugar da cidade de Lisboa. O nome de Martim Moniz pouco nos diz. Sabe-se que a praça não coincide com o local da lenda, que está já bem identificado mais acima, no Castelo. Sabe-se também que, nesta zona, o nome de Martim Moniz foi promovido de Rua a Largo e de Largo a Praça, mas a verdade é que é um nome que espelha apenas uma lenda histórica, não documentada, e que, mais importante do que isso, desvirtua por completo a verdadeira identidade deste local.

Porquê o nome Jardim da Mouraria? **O que interessa neste lugar não é uma pessoa ou um feito, mas sim o conjunto das suas gentes**, sempre em movimento: de entrada e saída, de chegada e partida, saltando de trabalho em trabalho, entre a compra e a venda, a transição e a transação; povos e culturas que se estabelecem, que ganham a vida e que se despedem. A Mouraria representa isso mesmo: **um lugar de todos e de ninguém**, uma porta de entrada e saída para a cidade. Pretendemos que este lugar continue a representar essa história e que incorpore, nessa identidade, os fluxos e as transições de hoje: os do turismo, da imigração e da movimentação diária dos que cá vivem, por aqui passam e aqui param para contemplar a cidade.



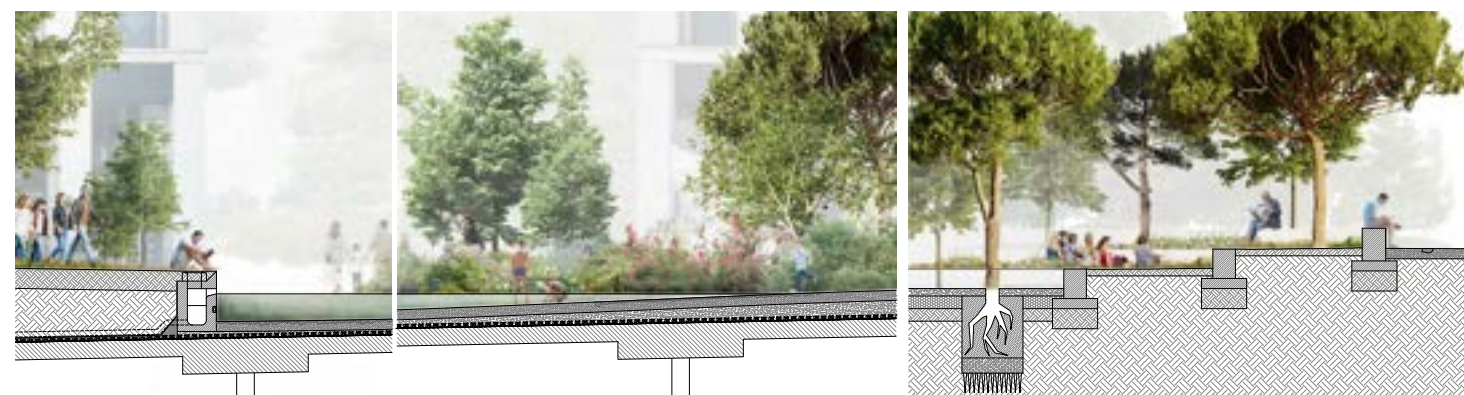
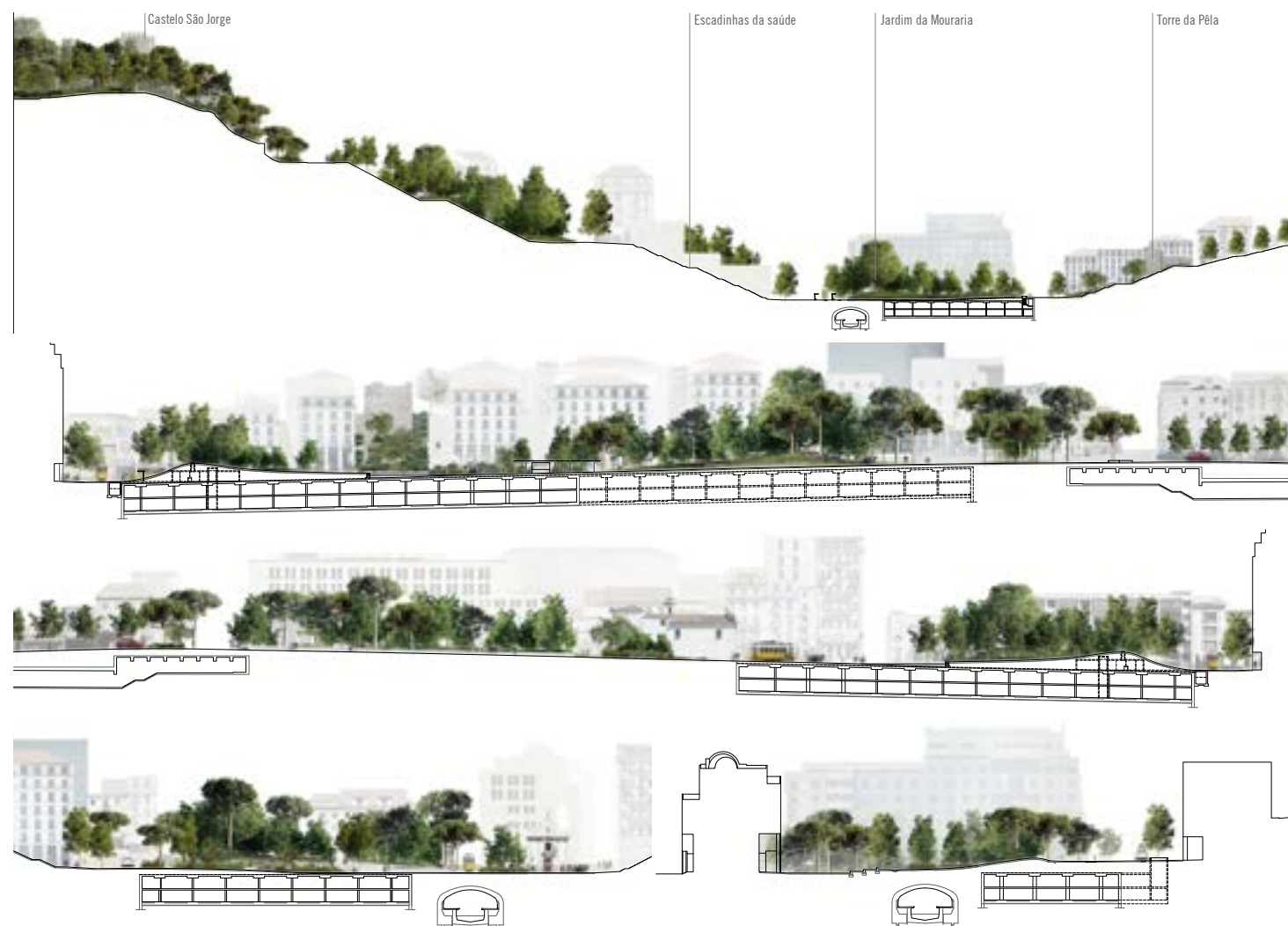


4. proposta / definição geral

4.1 traços gerais

Partindo dos rasgos, desenha-se um jardim. Os dois a norte, em tensão, reforçam o vale, numa topografia natural descendente que conduz a água. Aqui, cria-se uma das entradas privilegiadas, promovendo uma franca permeabilidade pedonal entre a cidade e o jardim. À medida que se vai descendo, as duas linhas divergem gradualmente, apontando à Capela da Nossa Senhora da Saúde e aos resquícios da Cerca Fernandina. Este movimento fluido de abertura e a topografia natural do lugar criam uma percepção de um desaguar do vale na zona central do jardim. A água - que se pretende que exista não só simbolicamente mas fisicamente - começa a espriar-se, até finalmente ficar retida no terceiro rasgo: uma linha transversal, que forma uma suave “barragem”, onde esta se acumula, originando um espelho que reflecte a cidade. Este momento ganha um carácter particularmente simbólico: por um lado, enuncia a memória da desaparecida Cerca Fernandina e, por outro, através da presença da água, evidencia esta área do jardim como uma centralidade de convergência. A composição destas três manipulações topográficas criadas neste plano térreo permite destacar uma das intenções chave da proposta: **criar uma porta de entrada nobre para a Mouraria**, celebrando a sua história e as suas gentes. Este amplo espaço - apropriado para os eventos multiculturais - terá como cenário o movimento dos eléctricos e, em grande destaque, a Capela isolada, com a colina da Mouraria e o Castelo de São Jorge como pano de fundo.

Para além desta centralidade que as linhas de força sugerem, cada uma delas está associada à criação de topografias e ambientes naturais distintos. A primeira, a ponte, cria um anfiteatro natural, em prado, virado de frente para o sol de sul e nascente, protegido dos ventos dominantes e do nó viário do final da Rua da Palma por um pinhal denso. **Este anfiteatro natural vira-se para o Castelo**, abrindo uma vista privilegiada para toda a sua colina. A segunda linha, a nascente, origina uma suave topografia descendente, formalizada através de uma bancada embutida na terra, que se abre em direção ao Centro Comercial da Mouraria. Aqui nasce um **terreiro sombreado**, que estabelece um espaço de intimidade em relação directa com o comércio da Mouraria - um mercado informal e natural, um espaço de estar e de comer, de comprar e de vender. O terceiro rasgo, não só faz a retenção da água, como também faz de contenção a uma topografia mais acentuada a sul, que é também ela protegida por um maciço arbóreo denso que a sombreia do sol intenso. Coberta por prado, esta **suave encosta mira as colinas da Graça e Senhora do Monte**.



1, 2

4.2 estrutura verde

conceito

Parte-se de uma paisagem de um vale que, materializado em lioz, se evidencia ímpar, intenso, diverso e pulsante. Uma atração permanente que emana da composição da desordem, do caos, da permissibilidade, do ser individual e do ser em grupo. Confluências, fusões, conflitos, harmonias são cotidiano deste lugar. Um palco social. Acolhe fluxos, movimentos e energias sociais, mas com reduzida presença vegetal. Desta ideia de palco social explora-se, conceptualmente, a noção de **mediterrâneo fusionado**: um diálogo espelhado entre tecido social e tecido vegetal; vegetação mediterrânica como base maioritária que se funde e se harmoniza com a vegetação exótica, essencialmente de origem asiática e tropical.

“Os homens viajaram e com eles as plantas...” Gilles Clément

Base mediterrânica como matéria vegetal dominante e esteio desta geografia, **fusionada com elementos vegetais exóticos** oriundos de geografias asiáticas, num diálogo com as culturas sociais fortemente presentes neste tecido urbano.

“Não há povo sem paisagem” 3º Conde D’Aurora

A fluidez e permeabilidade espacial desenham o jardim, onde espaços abertos e semi-abertos se descobrem e dialogam de forma abstrata. Água e verde fluem, vão-se encontrando e desencontrando, refletindo e manifestando nas espécies vegetais estes mesmos toques e encontros. A expansão e invasão das espécies arbóreas nas ruas e espaços adjacentes à área central do jardim são também predominantes como ideia de fuga, de continuidade, de evasão e contaminação verde da cidade. Esta invasão é particularmente evidente no topo norte, onde intencionalmente se propõe uma massa vegetal forte, densa e essencialmente colunar, como anúncio do jardim e, simultaneamente, camuflagem do nó rodoviário. Em termos identitários, a proposta centra-se principalmente na composição de três áreas verdes - **choupal, pinhal e floresta** - e uma **praça de água**.

choupal

Na zona norte e nascente, acompanhando o início do percurso da água, propõe-se um leque típico de galeria ripícola, distribuído isoladamente ou em mancha, num terreiro escadeado. Maioritariamente caducas, estas espécies configuram um lugar, que se prevê fresco no verão e ameno no inverno. Um espaço de terra, amplo, plano, pontuado por árvores – lugar de encontro, de comércio ocasional, de refeições, de jogo; um terreiro, na verdadeira aceção da palavra. Cria-se um espaço que estabelece

1. Cortes

2. Pormenores construtivos



1.



2.



3.



4.



5.



6.



Estrutura Verde

categorias árvores:

- pinhal, altura 15-25m
- chopal, altura 10-20m
- floresta, altura 10-30m
- arruamento, altura 10-15m
- exóticas bem adaptadas

coberto vegetal:

- prado
- arbustos

- 1. Esquema pinhal (imagens exemplo espécies)
- 2. Esquema choupal (imagens exemplo espécies)
- 3. Esquema floresta (imagens exemplo espécies)
- 4. Esquema exóticas (imagens exemplo espécies)
- 5. Esquema arruamento (imagens exemplo espécies)
- 6. Esquema prado e arbustivas (imagens exemplo espécies)
- 7. Esquema estrutura verde geral

uma interação directa com o Centro Comercial da Mouraria e que, através do reforço arbóreo e da libertação viária, contribui para um melhor enquadramento paisagístico e para a sua valorização. A fechar este terreiro a poente, propõe-se um anfiteatro verde - formalizado com bancos lineares -, pontualmente interrompido para maior permeabilidade, que oferece e acolhe estadias. Os cobertores do anfiteatro são revestidos com prado, aumentando as áreas de infiltração e diversificando esta zona. O elenco arbóreo desta área reúne espécies como: *Alnus glutinosa*, *Broussonetia papyrifera*, *Celtis australis*, *Fraxinus angustifolia*, *Populus alba*, *Populus nigra var. italica*, *Populus tremula*, *Ulmus minor*.

pinhal

Paralelo ao fluxo da linha de água, surge o pinhal, expressivo e contundente. A modelação oferece proteção a norte, onde pinheiros, choupos e freixos convivem, e desenha uma suave encosta virada a sul e nascente, onde se refugia um prado de sequeiro biodiverso, que é suportado por este pinhal. Importa destacar também o reforço vegetal a norte e noroeste, mitigando o vento dominante e mantendo sempre a necessária fluidez dos movimentos das massas de ar. O elenco arbóreo desta zona convoca a família das *Pinaceae*, nomeadamente: *Pinus pinea*, *Pinus pinaster* e *Pinus halepensis*. As espécies arbustivas e sub-arbustivas características e propostas para esta zona de pinhal são: *Ulex europaeus*, *Ulex minor*, *Corema album*, *Lavandula stoechas*, *Halimium halimifolium*, *Erica cinerea*, *Erica ciliaris*, *Erica umbellata*, *Calluna vulgaris*.

O prado contempla uma mistura de sementes de prado florido biodiverso, ideal para estratégias extensivas de revestimento de solos, promotoras da biodiversidade. A limitar a clareira de prado que desce a encosta, um gomo que é palco materializa-se entre o mineral e vegetal - lioz a cutelo (reciclado do pavimento existente) com junta vegetal e pontualmente marcado por pinheiros. Duas conchas orgânicas juntam-se a este palco e perfazem manchas herbáceo-arbustivas, que contêm “casulos” habitáveis. Clareiras pontuam o interior destas massas arbustivas, constituindo espaços intimistas e recatados, disponíveis a serem descobertos através de caminhos sinuosos que os conectam. A vegetação herbácea-arbustiva inclui as seguintes espécies da nossa flora: *Arbutus unedo*, *Laurus nobilis*, *Phillyrea angustifolia*, *Phillyrea latifolia*, *Pistacia lentiscus*, *Rhamnus alaternos*, *Myrtus communis*, *Juniperus communis*, *Lavandula angustifolia*, *Rosmarinus officinalis*, *Rosmarinus officinalis var 'prostratus*, *Cistus salvifolius*, *Thymus vulgaris*; no estrato arbóreo, a proposta centra-se na seguinte flora exótica: *Ligustrum sinense*, *Erythrina variegata*, *Jacaranda mimosifolia*, *Bauhinia Variegata*.

1



2

floresta

Uma floresta urbana com desejada essência é proposta a sul, tendo como benefício mitigar o efeito das ilhas de calor através da sombra e evapotranspiração, aumentar a qualidade do ar, bem como contribuir para o ODS 13 e 15. Nesta floresta desenha-se uma outra clareira, agora orientada a norte-nordeste, priorizando as vistas para a Graça e Miradouro de Nossa Senhora do Monte; na cota inferior, aberta a todo o jardim. A topografia criada favorece a clareira e concretiza um talude mais acentuado frente ao Hotel Mundial, protegendo e interiorizando a área central do jardim, mas também valorizando o Hotel, através de uma nova composição vegetal. Nesta Floresta propõe-se a técnica de plantio “Miyawaki” (já utilizado em Lisboa), almejando o aparecimento de uma nova floresta rica, densa e rápida e contribuindo de forma eficaz para as questões bioclimáticas. A zona sul da floresta confina com um extenso plano de água que, para além do impacto na diversidade de espécies (sobretudo de fauna), contribui igualmente para o arrefecimento do ar. O elenco proposto varia entre as seguintes misturas arbóreas: *Acer pseudoplatanus*, *Acer monspessulatum*, *Brachychiton populneus*, *Celtis australis*, *Ceratonia siliqua*, *Cercis siliquastrum*, *Gleditsia triacanthos var. inermis*, *Ficus religiosa*, *Ficus virens*, *Ficus benghalensis*, *Pinus pinea*, *Quercus faginea*, *Quercus robur*, *Quercus suber*, *Tilia cordata*, *Arbutus unedo*, *Punica granatum*, *Prunus dulcis*, *Tamarix africana*, *Grevilea robusta*, *Olea europeae*, *Olea europeae sylvestris*, *Eucalyptus urophylla*, *Taxus baccata*, *Platanus hispânica*, *Erythrina variegata*, *Albizia julibrissin*, *Bauhinia Variegata*, *Sophora japonica*, *Ligustrum sinense*.

praça de água

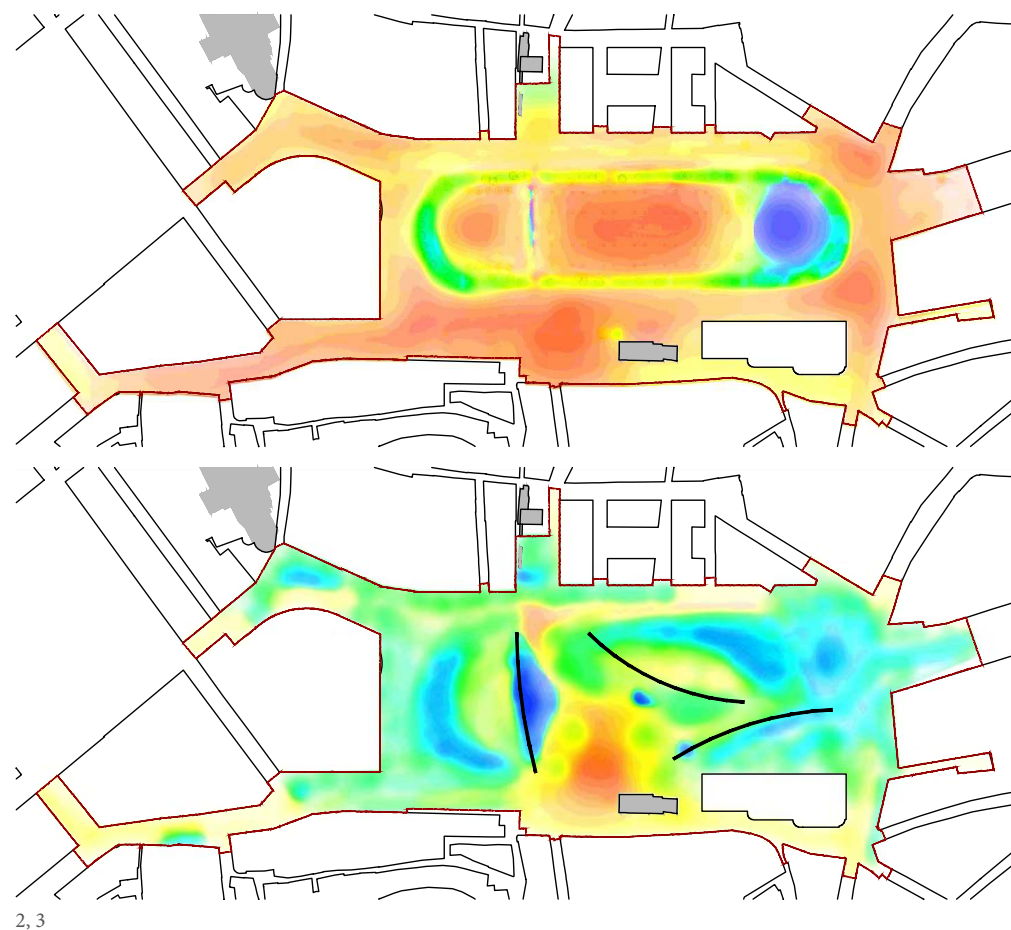
Esta praça está intrinsecamente ligada ao caminho de água, que se manifesta como uma ligeira depressão ou concavidade térrea que percorre todo o jardim, desde o topo norte até à zona central. Pelo caminho descendente, a água origina duas sinuosas e orgânicas bolsas de água, antes de desaguar no plano central, onde é retida. Este caminho é simultaneamente percurso de água e percurso pedonal - encaminha-nos, inquieta-nos, retém-nos e liberta-nos, tal qual um rio. É nesta presença aquática que se propõem nebulizadores e jogos de água, para permitir arrefecimento térmico e espaços de lazer, aptos a uma livre apropriação.

ligações aos corredores verdes

Como reforço e promoção do Corredor Verde Central e de Monsanto, propõe-se um aumento significativo da arborização nos eixos que concetam à Praça da Figueira, Rossio e Rua da Palma. Sobretudo a norte, esta intenção é notória, estabelecendo simultaneamente uma relação com o corredor ecológico com o Jardim da Graça. Esta proposta de arborização não funciona de forma linear e rígida (arborização de arruamento geométrica), mas sim através de uma dispersão livre e

1. Vista do anfiteatro do pinhal para o Castelo de São Jorge

2. Vista do terreiro



pontual que emana da conceção do novo jardim, contaminando as ruas envolventes e deixando pistas para uma posterior continuidade pela cidade. A zona de floresta com maior densidade de plantação, proposta a sul, bem como a arborização na Rua do Arco do Marquês de Alegrete e no eixo da Travessa do Jogo da Pêla e Escadinhas da Saúde, reflete também a intenção de promover a ligação ao corredor ecológico com o Castelo de São Jorge.

4.3 biodiversidade e sustentabilidade

O sistema vegetal proposto garante serviços ecossistémicos associados ao aumento da biodiversidade das comunidades vegetais, mas também ao refúgio e alimentação da fauna, através da criação de áreas naturalizadas que servem de habitat para pequenos mamíferos, polinizadores, insetos e pássaros. Desta forma, garante-se a sua presença, trazendo com eles a tão relevante sonoridade que os acompanha e que, hoje em dia, se encontra praticamente ausente. Maioritariamente mediterrânico, o elenco vegetal contempla espécies locais, bem-adaptadas e com consumos de água reduzidos, associado a um elenco de flora exótica e tropical, já pontualmente presente na cidade de Lisboa e comprovadamente bem adaptado ao nosso clima. Este elenco vegetal contribui para o aumento da resiliência e sustentabilidade dos espaços verdes, uma vez que plantas autóctones requerem menos cuidado e manutenção, menor consumo de água e menor utilização de fitofármacos. De igual modo, é promovida a aceitação de ervas espontâneas como fenómenos a integrar e não a excluir. Do ponto de vista da regeneração ecológica, as árvores existentes, em particular as de maior relevância (carvalhos, olaias e brachychiton) serão transplantadas, na sua maioria para a área de floresta, onde se prevê melhor adaptação e enquadramento. Em relação aos restantes elementos arbóreos existentes, será feita avaliação *in loco* do seu estado fitossanitário e, conforme o resultado, propor-se-á transplante para o novo jardim, para viveiro municipal ou obra em curso, cuja adaptação seja adequada.

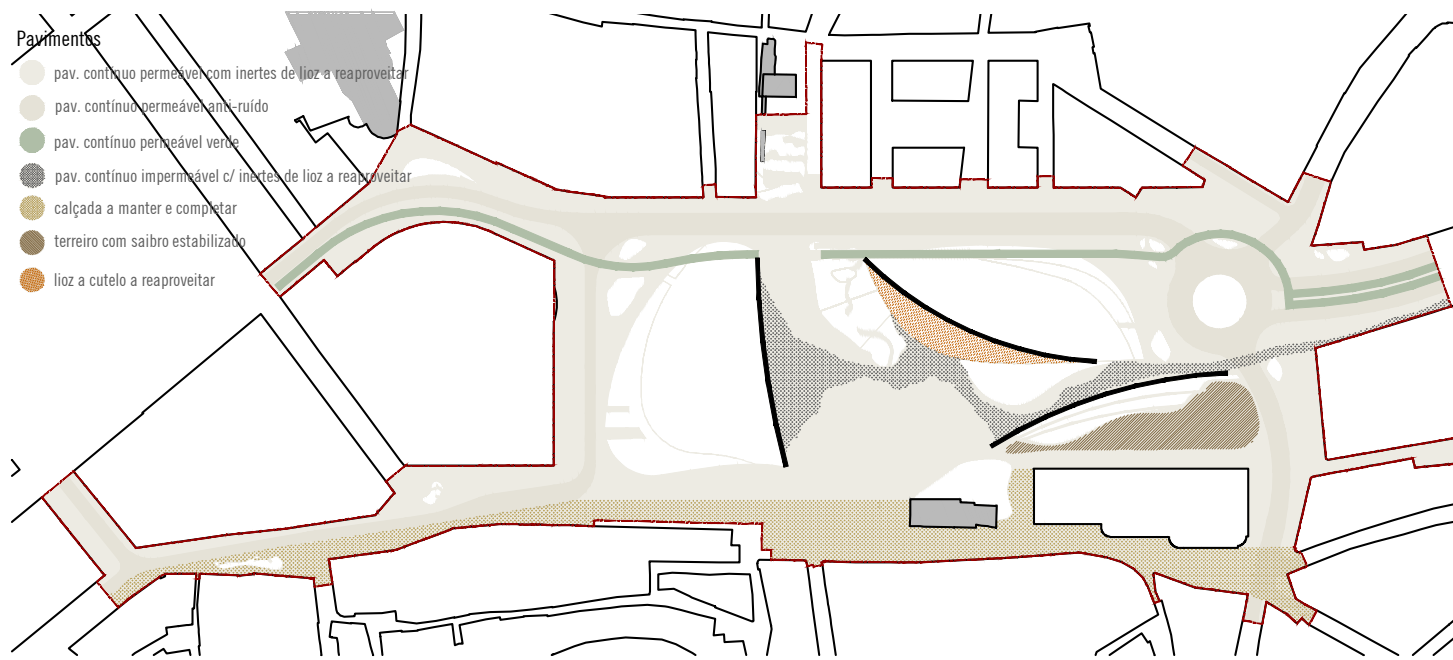
4.4 conforto climático, biofilia e saúde

A configuração atual da praça evidencia grande superfície pavimentada e pouquíssima arborização, favorecendo o efeito de ilha de calor, quer na zona central quer nos espaços envolventes, prejudicando significativamente as condições de temperatura, radiação, humidade e propriedades aerodinâmicas da superfície, bem como o consumo de recursos, a saúde dos habitantes e o ecossistema urbano como um todo. Aumentar a cobertura vegetal, gerando espaços sombreados, contribui para resolver a atual ilha de calor, sobretudo através das grandes áreas de choupal, pinhal e floresta. Plantando um elevado número de espécies da floresta mediterrânica, nos diversos estratos arbóreos, herbáceo-arbustivas e prados, a biodiversidade aumenta significativamente, criando ambientes naturalizados que melhoram os serviços ecossistémicos como abrigo de alimentação de certas espécies de fauna

1. Vista da floresta para o Miradouro da Senhora do Monte

2. Conforto térmico - situação atual

3. Conforto térmico - proposta



e microfauna. Associados a estas áreas de mistura caducifólias e perenes, o plano de água e o seu caminho contribuem igualmente para a regulação térmica da zona central menos arborizada. A proposta cria um conjunto diversificado de espaços naturais que, para além de conforto e abrigo climático, contribui para o bem-estar e saúde, estimulando a biofilia através da espontânea conexão com a natureza. Os pavimentos propostos e as áreas de infiltração de prados favorecem a regulação de temperatura e redução do aquecimento, melhorando as condições de permeabilidade do solo, com consequências positivas quanto à fertilidade e retenção de dióxido de carbono. Os prados são propostos com espécies de baixa manutenção e floração, entrando na categoria de prados biodiversos. Os prados de infiltração constituem o estrato herbáceo que, complementados com os restantes estratos, geram uma atmosfera fresca e sombreada no verão, favorecendo atividades ao ar livre. O terreiro em saibro é previsto com uma leve inclinação para permitir a captação e posterior infiltração da água de escoamento.

4.5 pavimentos e permeabilidade

Tendo em conta a existência de uma grande quantidade de lajetas de pedra lioz na Praça do Martim Moniz e a consciência de que requalificar uma zona da cidade carece, mais do que nunca, de um pensamento sustentável e ecológico, a proposta para a repavimentação da área de intervenção passa por reciclar a maior quantidade possível deste material tão nobre e identitário da cidade de Lisboa. Todos os pavimentos propostos partem do aproveitamento do lioz reciclado através dos seus fragmentos pós-demolições - gravilhas, britas, lajetas menores ou maiores e peças a cutelo. As suas variações permitem definir diferentes áreas e texturas, mas manter uma ideia de unidade e identidade forte de conjunto. Com o objetivo de maximizar a área de infiltração natural, propõe-se um pavimento permeável composto pela mistura de lioz britado com resinas naturais. Este pavimento cobre quase a totalidade da área de intervenção pavimentada, tendo como principal intuito ser chão comum, neutro, suporte dos vários usos e atividades previstas. Este pavimento une as várias frentes edificadas, criando um plano horizontal homogêneo, com exceção à Rua da Mouraria, onde toda a calçada à portuguesa é mantida, destacando e singularizando a obra de Eduardo Nery e contribuindo para uma leitura mais destacada da Porta da Mouraria. O pavimento do caminho de água é marcado pela presença de fragmentos de lioz com maior dimensão e densidade, refletindo o imaginário das pedras que vão sendo levadas e amaciadas nos leitos de água e elevando a identidade aquática do lioz, com os seus fósseis de bivalves cravados pelo tempo. Nos três planos de água, onde é necessário garantir a sua acumulação, o pavimento torna-se, pela densidade de pedras, impermeável. O palco central configura uma outra reutilização do lioz: colocado a cutelo e com junta vegetal, cria uma relação de continuidade com o prado contíguo e oferece um espaço para apropriações informais e formais.

1. Desenho conceito pavimentos

2. Diagrama de reciclagem e variedades de reaproveitamento da pedra lioz existente

3. Esquema planta de pavimentos



4.6 ligações pedonais e sistema de vistas

Os dois objectivos fundamentais na forma como se estabelecem as ligações à cidade são priorizar as pessoas e a sua liberdade de movimento nas ligações e atravessamentos pedonais, e valorizar os eixos visuais para os elementos notáveis da envolvente, potenciando este lugar como espaço de contemplação e, com isso, lugar de permanência. Assim, o projecto propõe:

- com a marcação física de uma ideia de vale descendente a partir da Almirante Reis, criar uma **percepção de entrada na cidade através do jardim**, integrando-o nos circuitos pedonais da cidade;
- através da dinâmica e confluência que os rasgos introduzem no meio do jardim, criar uma ideia de centralidade, destacando aí as **relações privilegiadas à Mouraria e à Torre da Pêla**, mas também à Rua da Madalena e Rua da Palma (Baixa e Rossio);
- destacar a ligação entre as Escadinhas do Jogo da Pêla e Escadinhas da Saúde, através da presença da **água que espelha as colinas** e criar uma maior amplitude e fluidez neste atravessamento;
- potenciar, através das topografias suaves, **as relações visuais para as colinas** envolventes. Estas mesmas topografias criam também uma ideia de proteção e conforto ao interior do jardim e, com isso, **amplificam um desvendar das vistas para a cidade** à medida que se percorre o espaço;
- criar uma ligação pedonal generosa e confortável ao longo de toda a frente edificada a poente. Esta faixa terá como ponto de fuga o novo largo proposto junto à Igreja de São Domingos;
- valorizar o eixo de ligação pedonal entre a Rua dos Cavaleiros e Rua de São Lázaro, alargando generosamente as zonas de passagem e introduzindo espaços ajardinados e sombreados de estadia;
- por último, através do próprio esquema de mobilidade viária proposto - com a libertação de veículos de toda a frente nascente -, revelar a intenção clara **de virar o jardim à Mouraria**.

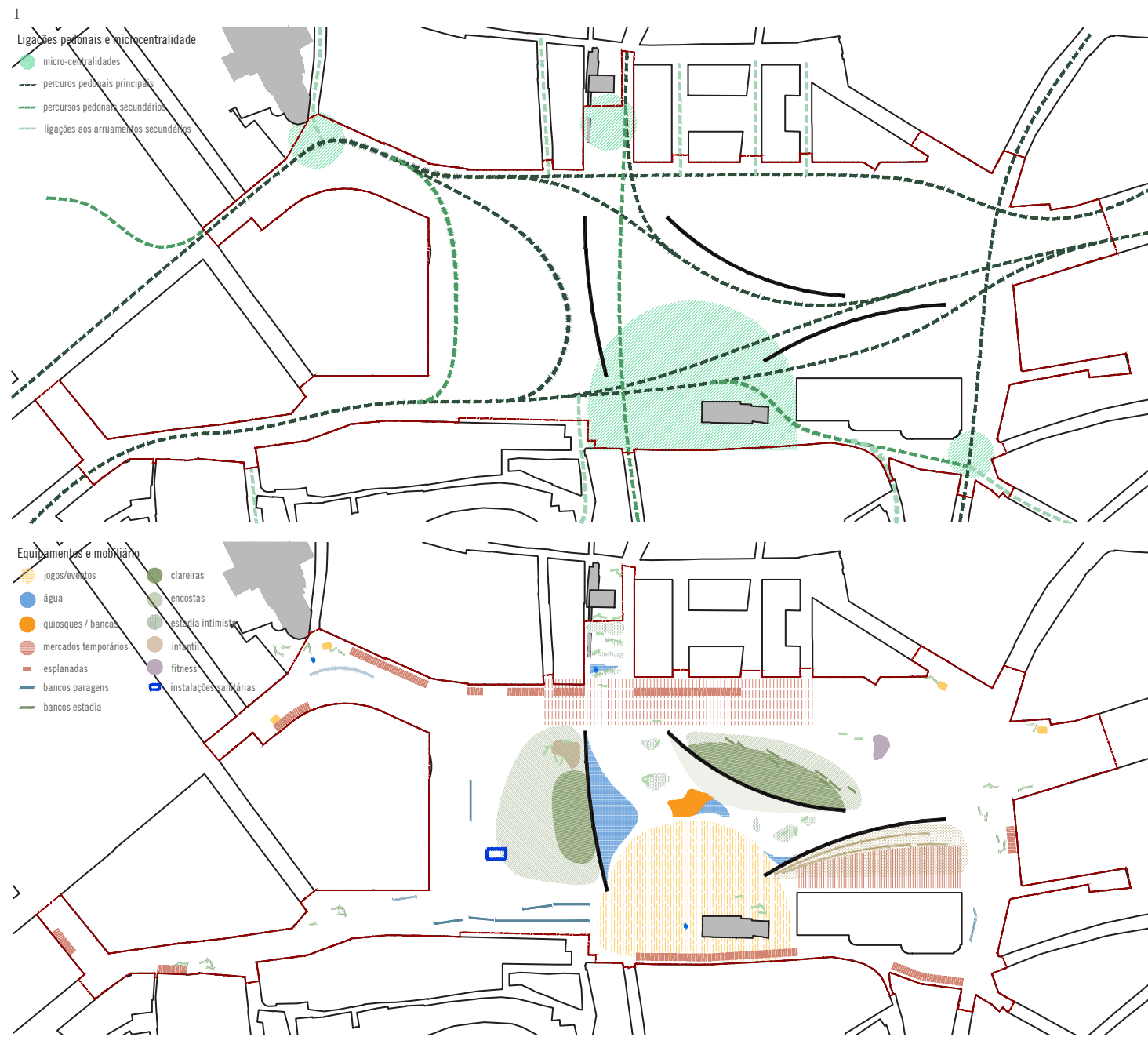
4.7 microcentralidades e património

A razia à memória deste lugar já foi extensa e, de certa forma, irrecuperável. Embora se possam reinterpretar e enunciar momentos e monumentos desaparecidos, são as pessoas de amanhã que, através da vivência e do tempo, irão inscrever novas memórias. A proposta tem uma intenção muito clara de **destacar o edificado existente** através de um desenho que promova o seu **uso e fruição**. Não pretendemos que os elementos notáveis sejam meramente visuais, mas sim de utilização. Também não entendemos que edifícios tidos por “*feios e grossos*”^{*} devam ser menosprezados ou tapados, mas sim valorizados; a cidade também é feita disso. Tendo em conta estas premissas, a proposta prevê:

- através da manipulação espacial que os rasgos introduzem, a marcação de duas linhas de força que se abrem à **Capela da Nossa Senhora da Saúde** e à **Torre da Pêla**, destacando-as;

^{*} Expressão usada por Ferreira Fernandes, no artigo De Belarmino a Severa, o Martim Moniz é uma praça de misturas e inspirações, A Mensagem, 22/02/2021

1. Vista do Jardim da Torre da Pêla para o Jardim da Mouraria



- destacar a **Torre** e os resquícios de muralha através da remoção de todos os outros elementos construídos (à exceção das escadas). Propõe-se um jardim arbustivo que desce pela encosta, criando pequenas áreas de permanência numa encosta natural que contempla o jardim e a colina do castelo*;
- isolar e realçar a **Capela**, tornando-a elemento preponderante - promove-se a demolição do troço do centro comercial que cola ao seu tardo e introduzem-se árvores altas que contrastam com o branco das suas paredes, bem como, uma bolsa ajardinada encostada à sua empena, convidando as pessoas a usufruir deste espaço em proximidade;
- destacar uma centralidade que marca a nova **Porta da Mouraria** - um espaço amplo pronto a ser livremente apropriado, abrindo uma relação franca com as entradas pedonais à Colina de São Jorge;
- enunciar a desaparecida **muralha da Cerca Fernandina**, com a presença do plano de água e do rasgo linear que a retém; a sua presença espelha a cidade e cria relações entre presente e passado;
- criar um largo junto ao tardo da **Igreja de São Domingos**, que estabelece uma microcentralidade de ligação à Baixa e Rossio. Mantém-se o quiosque, introduzem-se bancos e um elemento de água**;
- integrar e valorizar o **Centro Comercial da Mouraria** e as suas pessoas com a introdução de um terreiro sombreado com uma bancada que converge para a sua fachada e promove a sua vivência;
- melhorar e enquadrar paisagisticamente todos os **restantes edifícios** envolventes à praça, com a criação de pequenas zonas verdes de prado, arbustos e árvores com bancos, marcando e incentivando uma permeabilidade pedonal às restantes zonas da cidade.

4.8 atividades, equipamentos e mobiliário

Por oposição a uma visão zonificada de usos, propõe-se um jardim que abraça uma certa indefinição, não tendo qualquer pretensão de determinar demasiado o que fazer, onde e quando. Desenham-se espaços com capacidade para serem apropriados de diferentes formas, conforme as vontades das pessoas e, sobretudo, consoante o clima e os diferentes ambientes que se geram a cada momento, em cada espaço. A diversidade de ambientes proposta estimula e acolhe a multiplicidade de eventos e festividades que fazem parte do quotidiano deste lugar. Ambientes de sol e sombra, de prado ou pavimento mineral, são palco para estes momentos. Espaços de permanência e passeio em contacto com ambientes naturais acentuam a qualidade espacial em termos de bem-estar e saúde, promovendo a convivência de diferentes grupos, entidades e vivências de género. Tendo em conta estes princípios, a proposta prevê:

- um **quiosque** e esplanada no centro do jardim - desenhado como uma gota de água que cristalizou ao longo do seu caminho descendente -, que espelha e estabelece relações com a natureza envolvente, virando-se para a Mouraria; um abrigo junto à praça de água, um espaço de permanência

* Sugere-se que a requalificação desta encosta não seja dividida em tempos e intervenções diferentes, mas sim pensada como um todo.

**Apesar de fora da área de intervenção, entendemos que seria uma enorme mais valia a criação de um protocolo para a requalificação do espaço murado e gradeado, integrando-o na proposta, como um recanto de estadia com esplanada apoiada pelo quiosque no centro do novo largo.

1. Esquema ligações pedonais e microcentralidade

2. Esquema usos, equipamentos e mobiliário



1

privilegiado para contemplar o Jardim da Mouraria e o sol de poente a iluminar a colina do castelo;

- um **plano de água** como praia urbana, espaço lúdico e recreativo, com nebulizadores e jogos de água, para refrescar, banhar, brincar, mas também para espelhar e contemplar a cidade;
- **anfiteatros naturais** nas clareiras de prado, como locais informais de estadia, para apanhar sol, descansar, conversar, jogar futebol ou críquete, aulas e exercícios ao ar livre, mas também para eventos organizados, como espetáculos de música, cinema ao ar livre, exposições, entre outros;
- um **terreiro** sombreado com uma bancada que convida a sentar, comer e beber, a montar uma pequena banca e a vender um petisco ou umas bebidas, a realizar feiras e mercados temporários;
- um **palco** que permite espetáculos culturais de maior dimensão, com a colina do castelo iluminada pela luz de pôr do sol como pano de fundo;
- uma **praça** mineral que se abre à Mouraria e integra a capela, como espaço destacado para receber atividades de maior escala;
- **bolsas de estadia** rodeadas de arbustos, onde bancos dispostos em triangulações convidam à socialização, mas também permitem o silêncio e a introversão;
- um **parque infantil sensorial** integrado no prado, equipado com elementos naturais reciclados como plantas, troncos, rochas, cordas ou outros elementos em bruto, que incentiva as crianças a explorar e descobrir, a sentir diferentes texturas, sons e cheiros, contribuindo para melhorar habilidades sociais e cognitivas;
- uma **zona fitness** integrada no jardim para promover o exercício físico e o bem-estar, contendo equipamentos diversificados, feitos de estruturas metálicas recicladas;
- o reforço das **esplanadas** dos espaços comerciais nos edifícios periféricos, particularmente a poente e nascente, trazendo uma vida social e comercial mais intensa ao jardim ao longo de todo o dia;
- introdução de **instalações sanitárias** acessíveis, sob a topografia a sul e com acesso a partir da rua do Hotel Mundial, integradas na estrutura de um dos novos núcleos de acesso ao parque.

Foi intenção de projeto haver uma certa contenção na quantidade de equipamentos propostos, à luz de uma perspectiva de sustentabilidade económica e ecológica e da promoção de um ambiente maioritariamente vegetal e natural. Contudo, entendemos que seria importante existir uma abordagem de aproximação (em fase posterior do projeto) às comunidades locais que se manifestaram antes e durante o processo participativo, no sentido de melhor adaptar a oferta de equipamentos às reais necessidades e interesses das pessoas que vivem este espaço, contribuindo para uma visão mais sustentável do investimento e para um maior sentido de pertença.

1. Vista do quiosque para o anfiteatro

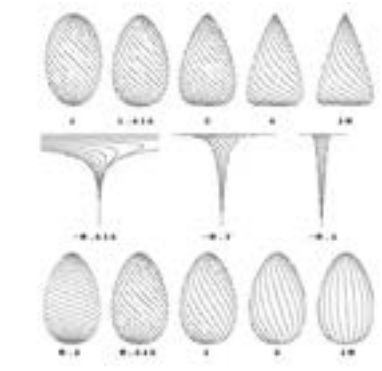
2. Planta de pormenor do quiosque e áreas envolventes

2

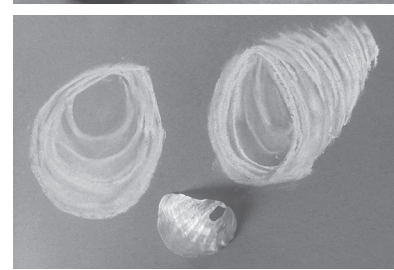
1.



2, 3



4, 5, 6



7, 8

4.9 arte urbana

O Jardim da Mouraria que aqui propomos integra um projeto artístico *A Forma da Água*. Uma série de esculturas permanentes inspiradas na água e nas suas formas, movimentos, reflexos, transparências, opacidades, e não apenas na sua pureza e limpidez mas também na sua turbidez. As observações do naturalista, filósofo e inventor Viktor Schauberger sobre a natureza da água servem de mote para criação de um conjunto de peças que procuram uma interação entre as pessoas, a natureza e a cidade. Através do reflexo, da deformação visual, da ampliação e da redução, da temperatura, da luz, da sombra, criam-se esculturas estáticas mas perceptíveis como dinâmicas, que reagem ao meio ambiente e às pessoas, contribuindo para uma leitura de um jardim vivo e vivido. É essa a natureza da água: a de assumir as propriedades do ambiente em que se insere.

Propõem-se três momentos, com diferentes peças quanto ao seu tipo, escala e contexto:

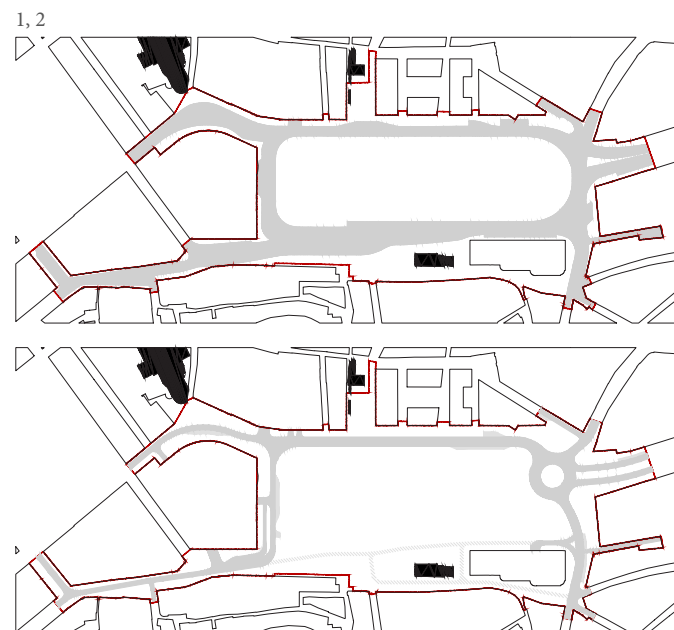
1 - uma *gota* disforme, em grande escala, feita de material translúcido, que ocupa o espelho de água central e reage às suas mudanças de profundidade, à luz do dia e à proximidade e apropriação das pessoas (transformando-se à noite em elemento de luz);

2 - um conjunto de esculturas nas zonas densas dos bosques, que exploram a cristalização das formas fluidas e voluptuosas do líquido quando este se confronta, reage e se adapta à forma orgânica da madeira. Utilizando materiais mais transparentes ou opalinos, pretendem-se peças de uma escala humana, que permitam ser usadas e apropriadas pelas pessoas;

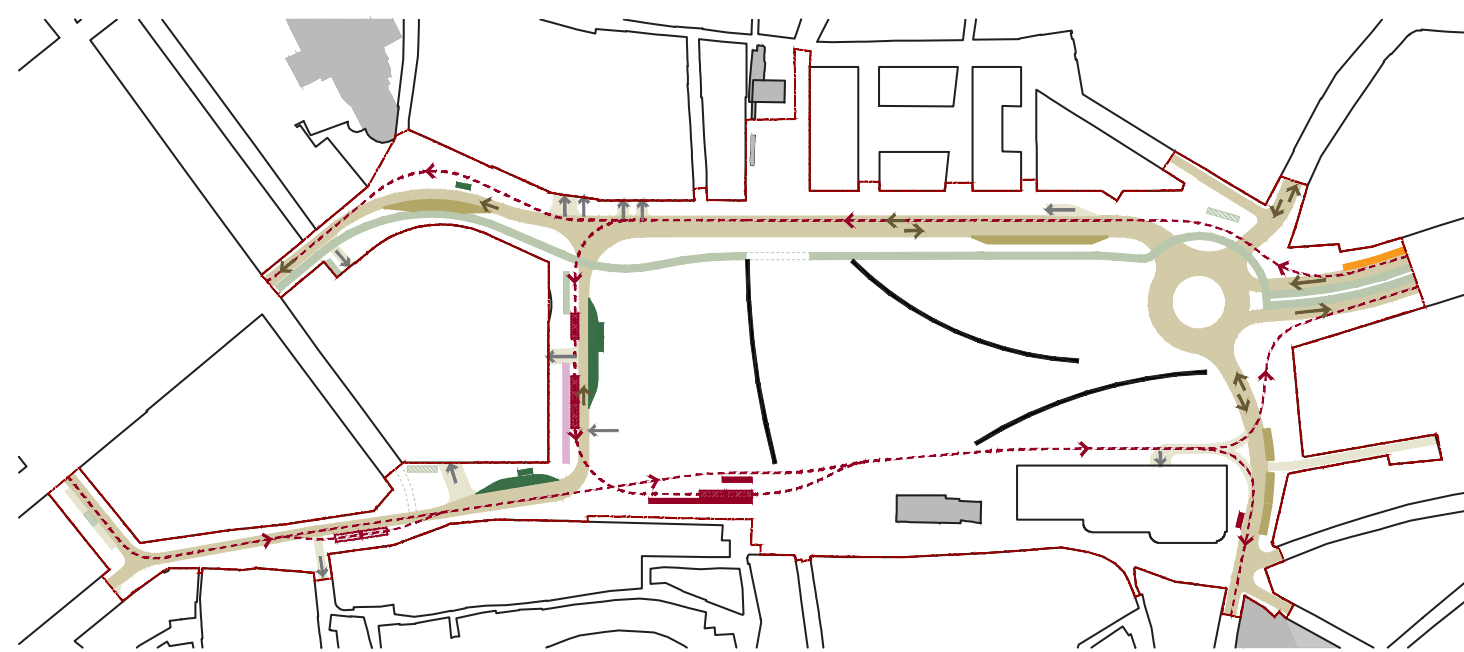
3 - junto a pontos simbólicos do espaço público (Capela, Torre e Igreja São Domingos), fontes de água potável esculpidas em pedra e baseadas nas formas dos vórtices, amplificando o som e a intensidade de movimento da água.

Estas esculturas que cristalizam as formas da água, inspiradas nos afluentes que outrora corriam pela paisagem pré-urbana de Lisboa, que deixaram até hoje marcas visíveis de fósseis, rudistas e bivalves na pedra lioz, são uma lembrança e um convite à reconexão ao natural e reverência à água como símbolo da vida - talvez um fio que se estenda do passado ao futuro.

- 1. Água, luz, reflexo
- 2. Vórtices, Viktor Schauberger
- 3. Fósseis; água que virou pedra
- 4-6. Desenhos de estudo
- 7-8. Maquetes de estudo



- Mobilidade
- vias principais
 - vias secundárias / acessos locais
 - paragens BUS
 - ciclovia
 - tuk-tuk's
 - elétrico: ● paragem ● terminal --- traçado



3

5. proposta / definição técnica

5.1 sistema de mobilidade

O Martim Moniz é um importante local de ligação à baixa da cidade e às colinas da Graça e de Santana. A sua localização na confluência de vários eixos levou a que a imagem de nó rodoviário se tornasse dominante, espelhando a primazia dada ao automóvel nas últimas décadas. É também um eixo importante de transportes públicos à superfície com três carreiras de autocarro e duas linhas de eléctrico, com condições de espera muito insatisfatórias (sendo o eléctrico 28E paradigmático). Para além do intenso volume de peões, vale a pena destacar o elevado número de bicicletas que aqui atravessa desde a implementação da ciclovia na Av. Almirante Reis. Por tudo isto, a requalificação deste tecido da cidade é urgente e implica uma visão transformadora, partindo da reorganização da circulação automóvel para a conquista de espaço público e melhoria das demais redes de mobilidade. A proposta apresentada pretende, para além de **garantir todas as condições para uma eficiente mobilidade** de todos os agentes que aqui circulam, **dar ao peão um sentimento de total prioridade, segurança, conforto, acessibilidade e legibilidade** do espaço público.

rede rodoviária

Propõe-se a implantação de uma rotunda a norte, que distribui o tráfego para as ruas que ali confluem e incentiva à inversão de marcha dos veículos vindos da Av. Almirante Reis, protegendo o centro histórico da cidade. Propõe-se que o pavimento betuminoso termine antes do início da rotunda, tornando-a, desde logo, uma zona de acalmia. A partir da rotunda, os volumes de tráfego querem-se reduzidos e as velocidades baixas (30km/h). O eixo existente a ponte passa a ter dois sentidos. A rua a sul é estreitada e o seu sentido invertido, de forma a ligar o tráfego que chega a partir da Rua do Arco do Marquês de Alegrete ao eixo ponte. As Ruas de D. Duarte, dos Condes de Monsanto e do Arco do Marquês de Alegrete mantêm os sentidos de circulação atuais, sendo porém reperfiladas. O arruamento nascente, ao longo do sopé da Mouraria, é formalmente extinto; contudo, mantém-se um espaço canal livre de obstáculos, garantindo o atravessamento de eléctricos, veículos de emergência e de manutenção. A acessibilidade aos edifícios e garagens ao redor da praça, incluindo os Bombeiros, é plenamente garantida. Excetuando-se dois lugares de estacionamento alocados à Junta de Freguesia, todos os restantes à superfície (15) são exclusivos a cargas e descargas.

rede de transportes públicos

Os percursos dos transportes públicos são essencialmente mantidos, excetuando-se as carreiras 708 e 734 que passam a inverter através da Rua de D. Duarte, Praça da Figueira, Rua dos Condes de Monsanto e Rua do Arco do Marquês de Alegrete, ganhando novo terminal nesta última. A

1. Esquema de ocupação rodoviária situação existente

2. Esquema da ocupação rodoviária situação proposta

3. Esquema do sistema de mobilidade



paragem de todos os autocarros (708, 734 e 760) é otimizada e realocada em frente ao Hotel Mundial, com confortáveis condições de espera. Pretende-se que os **eléctricos sejam destacados como elementos cénicos e históricos na paisagem urbana**, sendo integrados sempre que possível nos espaços pedonais e arborizados. Dá-se particular destaque à passagem dos eléctricos na zona da Mouraria e do Terreiro, bem como junto à Igreja de São Domingos. De forma geral, o percurso dos carris é mantido, à exceção do final da Rua da Palma, já que o eixo da rua é ligeiramente desviado para garantir o bom funcionamento da rotunda, e da Rua do Arco do Marquês de Alegrete, para maior permeabilidade pedonal. É aí criado um terminal para o eléctrico 12E e, à entrada no jardim, este passa a cruzar o eléctrico 28E, garantindo uma zona de espera compatível com a procura. Na Rua D. Duarte, os carris são mantidos mas passam a estar implantados no passeio. Nessa mesma rua, tal como na Rua do Arco do Marquês de Alegrete, o percurso de autocarros e eléctricos corre em paralelo, garantindo-se a sua fluidez. A zona de espera dos *tuktuks* é retirada da zona central e da proximidade às carreiras da Carris (sugerindo-se a realocação para o final da Rua da Palma) e, por último, os táxis passam a dispor de uma praça com 6 lugares, diante do Hotel Mundial.

rede pedonal

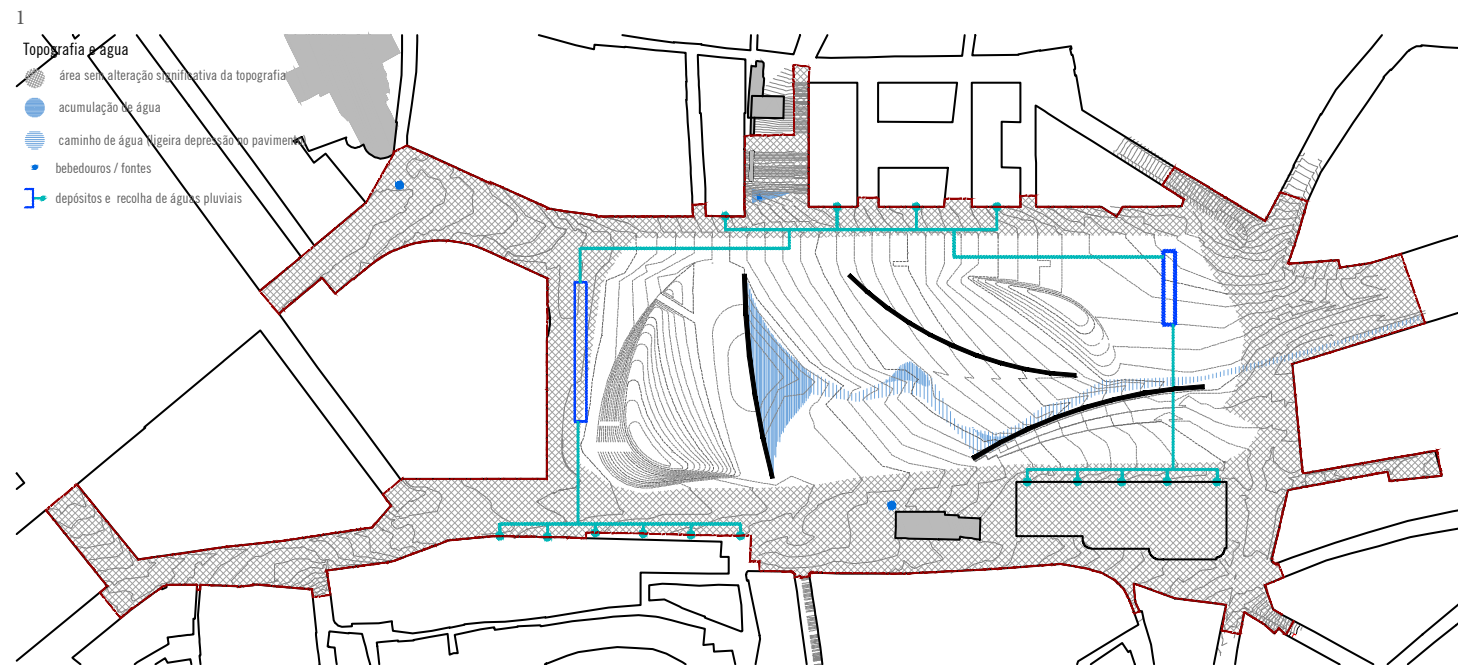
O peão é considerado prioritário em toda a intervenção, tendo havido o cuidado de assegurar todas as linhas de desejo e desenhar os seus atravessamentos de forma generosa, confortável e segura. Nestes atravessamentos, o pavimento pedonal é contínuo, sendo o automóvel que entra no espaço pedonal. Asseguram-se atravessamentos 100% seguros para pessoas de todas as idades e condições, os quais servem também como medida de acalmia, prevenindo o risco dos atravessamentos que, inevitavelmente, ocorrerão fora da passadeira. Pretende-se uma circulação pedonal dinâmica e livre.

rede ciclável

Procura-se que este jardim contribua para sedimentar a rede ciclável, de modo a que o seu crescimento de utilizadores se mantenha, tornando-se cada vez mais uma alternativa efetiva ao automóvel particular. É garantida a ligação à Rua da Palma e é prolongado esse percurso segregado e bidirecional até à Rua João das Regras (onde existe ciclovia), permitindo o prolongamento da rede ciclável ao Terreiro do Paço. Opta-se por colocar este percurso numa zona periférica do Jardim, a poente. Nas zonas onde o fluxo de peões cruza com a ciclovia, a prioridade é dada aos peões, sem prejuízo da legibilidade da rede, indispensável à segurança de uns e de outros. Propõe-se a realocação das estações GIRA existentes (uma junto ao Hotel Mundial e outra na Rua do Marquês de Alegrete), ambas próximas do percurso ciclável, e a introdução de uma nova estação GIRA localizada a Norte, no arranque para a Rua de São Lázaro (junto à ciclovia).

1. Corte de pormenor das paragens do eléctrico 28E e 12E

2. Vista terreno: pormenor do eléctrico como elemento cénico do espaço público



5.3 sistema hídrico

Para um sistema hídrico eficiente, a introdução de sistemas naturais e passivos é crucial. Propõe-se um **aumento substancial da permeabilidade** na área de intervenção, como elemento facilitador da infiltração das águas pluviais, para posterior reaproveitamento, tanto por processos naturais de capilaridade, como pelos sistemas de irrigação. A introdução do plano de água na zona central do jardim (para além de um importante espaço de controlo climático), funciona como **bacia de retenção**, permitindo gerir a necessidade ou o excesso de água aquando da ocorrência de pluviosidade, prevenindo inundações. A presença e impacto espacial da água irá variar consoante os níveis, podendo assumir diferentes áreas de ocupação e influência no espaço. O rasgo que dá origem a esta nascente contém no subsolo um **depósito com sistema de bombagem**, que alimenta em circuito fechado este plano de água e faz o seu tratamento, permitindo a sua utilização pelas pessoas. Quanto às águas pluviais, são encaminhadas para dois depósitos previstos a norte e a sul, que funcionam como **poços de infiltração**, armazenando água para a rega, que se prevê necessária durante 2 a 3 anos (período de instalação da vegetação proposta), bem como para as lavagens de rua e limpeza do jardim. Pretende-se uma **gestão hídrica sustentável**, baseada na definição SUDS (Sistemas Urbanos de Drenagem Sustentada), numa lógica de gestão de água pluviais para aproveitamento da rega e maior capacidade de infiltração, enriquecendo os freáticos. O sistema de **drenagem da cobertura do parque de estacionamento** subterrâneo apresenta-se como um elemento importante para o bom funcionamento e longevidade do jardim, quer a nível do peso, quer da capacidade de retenção e escoamento. Prevê-se a utilização de um sistema leve e sustentável, totalmente contínuo e sem interferência na estrutura do parque*. Propõe-se ainda a execução de um sistema de **recolha de águas pluviais das coberturas dos edifícios** de propriedade pública envolventes ao jardim, para posterior reaproveitamento na sua manutenção, reduzindo os consumos de água e os seus impactos económicos e ecológicos a longo prazo.

5.2 condicionantes subsolo

O estacionamento subterrâneo e o metro ocupam uma grande parte do subsolo da área de intervenção, sendo por isso uma condicionante estruturante da proposta. Procurámos desde o início integrar esses fatores, sendo as alterações propostas reduzidas ao mínimo, conforme se descrevem:

- **não há alterações aos acessos ao Metro**, apenas a sua reabilitação para melhor intergração;
- o acesso viário de **entrada no parque subterrâneo é antecipado para norte**, cumprindo o objetivo de tornar mais permeável ao jardim a frente edificada poente. Desta forma, também se respeita e valoriza o eixo da escadaria a poente, que se abre em direção à Capela;
- a **saída viária do estacionamento é invertida**, de modo a que a se faça de frente para o Hotel

* Sistema do tipo "Green Roof Build-up - Blue/Green Solutions - LS500" da Klima Roof ou tecnologias equivalentes

1. Esquema da topografia e água

2. Vista da praça de água para a Mouraria



Mundial, cumprindo o novo esquema de mobilidade e retirando os carros da zona central do jardim;

- são **mantidos os acessos pedonais ao parque a poente; a nascente, propõe-se a sua realocação**: um para sul, sob o jardim, com saída para o hotel; outro para norte, com saída junto à rotunda. Em ambos se propõe um elevador, melhorando as acessibilidades. Acrescenta-se um terceiro acesso (escadas) na zona central do jardim, garantindo a boa distribuição das saídas;
- as alterações são exequíveis, conseguindo-se cumprir as inclinações regulamentares e aproveitando a estrutura existente. Quando necessário, serão edificadas estruturas novas pontuais, aproveitando-se para reforçar a capacidade de carga nas zonas mais sensíveis.

Do ponto de vista da **capacidade de carga e estabilidade destas infraestruturas do subsolo** em relação ao que aqui se propõe**, conclui-se que existe uma capacidade de carga significativa para receber o novo jardim, na ordem dos 25kn/m² a 35kn/m² (conforme a distribuição das cargas). Toda a área com solo vegetal que é proposta ronda uma **média aproximada de 1 a 1,5m de profundidade**, o suficiente para um jardim intensivo. Os taludes a sul e a norte têm profundidades máximas na ordem dos 2 a 3m. Contudo, são **aproveitadas as alterações** aos acessos viários e pedonais ao parque e a criação de um tanque de recolha de águas de drenagem, **para fazer reforços estruturais** na zonas mais sensíveis. Pretendem-se utilizar tecnologias de drenagem de água e de solos leves para jardins intensivos que irão minimizar estes factores, podendo no limite representar **pesos na ordem dos 1000kg/m² a 1500kg/m²** (dentro dos valores que estão referidos no relatório)*.

5.4 sistema de iluminação

O sistema de iluminação proposto tem como princípios gerais: segurança; escala humana dos equipamentos; cor de luz confortável e redução de poluição luminosa (se possível, reduzir a iluminação de fachadas de edifícios privados); incidência de luz ao pavimento ou, pontualmente, à vegetação; coerência na escolha dos equipamentos e integração dos mesmos na envolvente; aproveitamento e/ou reciclagem dos equipamentos de carácter histórico; eficiência energética dos equipamentos e distribuição da rede; aproveitamento da energia solar para alimentação da rede através da colocação de painéis solares nas coberturas dos edifícios envolventes de domínio público***.

Tendo em conta estas premissas, o sistema proposto estratifica-se em três níveis:

- 1 - **iluminação de segurança**: vias automóveis, vias dos eléctricos que atravessam os espaços do jardim, ciclovia, zonas mais amplas e acessos pedonais e viários ao parque estacionamento;
- 2 - **iluminação de conforto**: zonas de permanência, quer no interior do jardim, quer nas restantes áreas perto dos edifícios, sejam elas zonas mais comerciais ou zonas de estar integradas na vegetação;
- 3 - **iluminação de destaque**: evidenciar edifícios simbólicos como a Capela da Nossa Senhora da

* Neste estudo preliminar foram tidos em conta os critérios para jardins intensivos sobre estruturas edificadas, de sistemas de empresas líderes no mercado como a Klima e a ZinCo.

** De acordo com a análise feita ao documento de Análise Estrutural e Geotécnica à estrutura do parque de estacionamento subterrâneo

*** Entendemos que seria de considerar, caso se verifique uma mais valia a longo prazo, a implementação de uma Comunidade de Energia Renovável (CER) para alimentar o Jardim da Mouraria.

1. Esquema de alterações nos acessos ao parque de estacionamento

2. Esquema sistema de iluminação

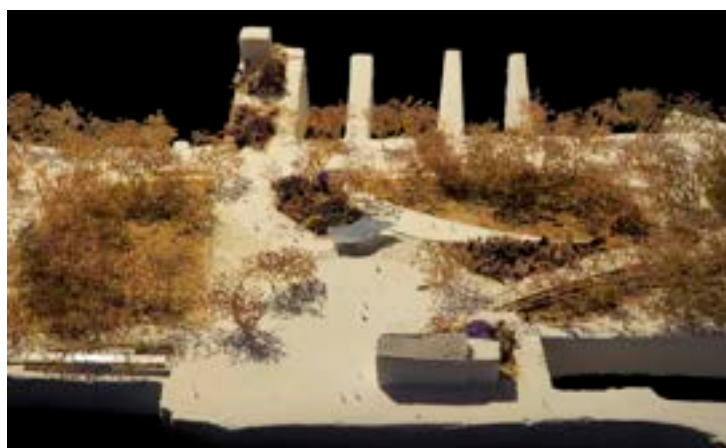
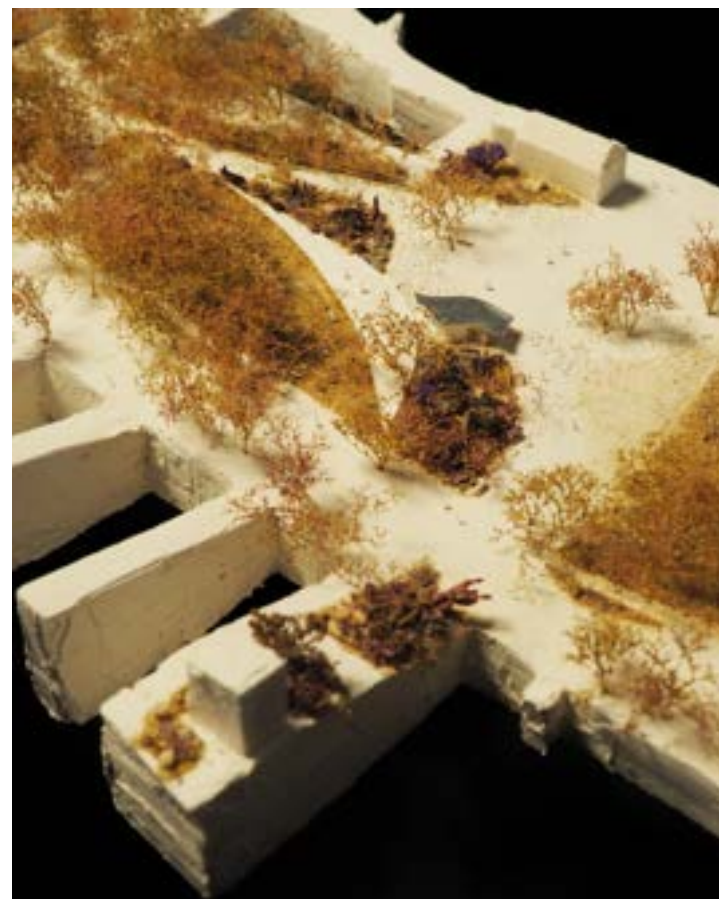
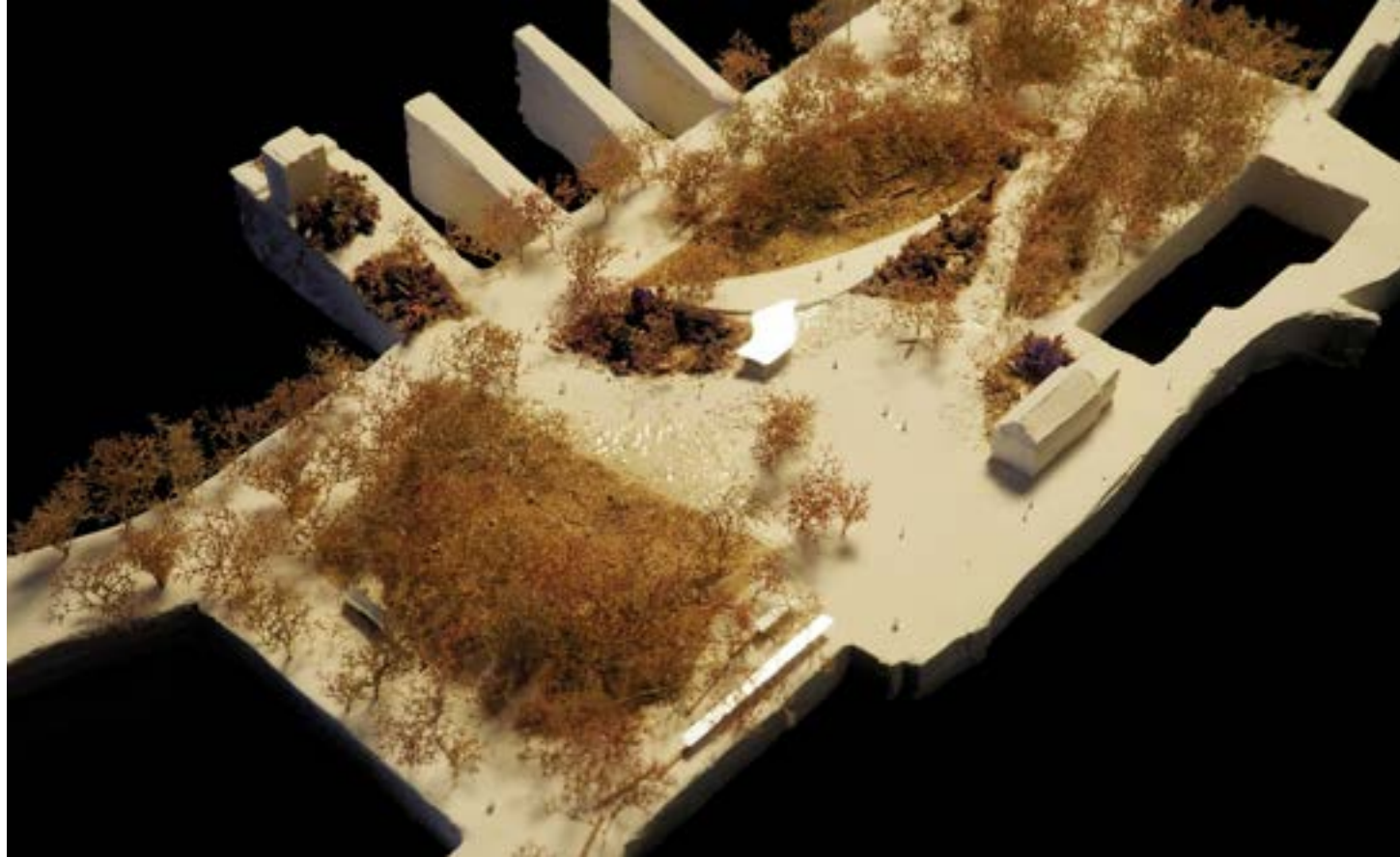


Saúde, a Torre do Jogo da Pêla e o tardoiz da Igreja de São Domingos e, de forma mais subtil, a frente edificada da Mouraria.

5.5 outras infraestruturas técnicas

Do ponto de vista das restantes infraestruturas técnicas necessárias para o correto funcionamento deste espaço público, quer no dia-a-dia quer em situações exceção de apropriação para eventos informais e formais como feiras e mercados, eventos de música, cinema ao ar livre, celebrações multiculturais, entre outras, estão previstas na proposta as seguintes intenções:

- colocação de **terminais de abastecimento de água**, ocultos no pavimento e com sistema antivandalismo, distribuídos por diversas zonas para uma boa flexibilidade de uso, nomeadamente na zona ampla central, na zona do palco, no terreiro sombreado e na faixa pedonal e viária a poente;
- instalação de **sistema de rede elétrica** com capacidade para grandes eventos, sendo prevista a necessidade de instalação de um posto de transformação a colocar sob o talude sul (junto às instalações sanitárias), concentrando-se aqui uma zona de equipamentos de gestão do espaço público;
- implementação de um sistema de **tecnologia digital** através de sensores para uma **gestão e manutenção eficiente** do jardim ao nível do consumo de água, iluminação, resíduos, mobilidade, etc.;
- inclusão de uma **cobertura de rede wi-fi** em todo o jardim, com interligação a informação digital que estabeleça uma conectividade entre o jardim e a cidade - informação sobre as espécies e biodiversidade do jardim, a cultura e história da cidade e os pontos notáveis envolventes, a agenda e programação para o jardim, os transportes, entre outros.



5.6 quadro de áreas e estimativa de custo

A	ARQUITETURA / ARQUITETURA PAISAGISTA				
1.	ESTALEIRO E TRABALHOS PREPARATÓRIOS	vg	1,00		177 500,00 €
	ESTALEIRO	vg	1,00		25 000,00 €
	RESÍDUOS DA CONSTRUÇÃO E DA DEMOLIÇÃO	vg	1,00		7 500,00 €
	PAINEL DE INFORMAÇÃO	vg	1,00		10 000,00 €
	VEDAÇÃO DA OBRA	vg	1,00		65 000,00 €
	PREPARAÇÃO DA OBRA	vg	1,00		25 000,00 €
	CONTROLO DE QUALIDADE	vg	1,00		20 000,00 €
	ACOMPANHAMENTO ARQUEOLÓGICO	vg	1,00		25 000,00 €
2.	MEDIDAS CAUTELARES E TRABALHOS PRELIMINARES	vg	1,00		461 000,00 €
	DEMOLIÇÕES E LEVANTAMENTO DE PAVIMENTOS	m2	37000,00	12,00 €	444 000,00
	SINALIZAÇÃO E PROTEÇÃO DAS ÁRVORES A PRESERVAR	un	80,00	25,00 €	2 000,00
	DESMATAÇÃO E DECAPAGEM	m2	3000,00	5,00 €	15 000,00
3.	MOVIMENTOS DE TERRAS	m3	3000,00	20,00 €	60 000,00
4.	QUIOSQUE	vg	1,00		150 000,00 €
	BAR E ESPLANADA				
	ESTRUTURA DE ENSOMBRAIMENTO				
5.	ESTRUTURA ENSOMBRAIMENTO - TRANSPORTES	vg	1,00		80 000,00 €
6.	INSTALAÇÕES SANITÁRIAS PÚBLICAS	vg	1,00		150 000,00 €
7.	ACESSOS AO PARQUE DE ESTACIONAMENTO	vg	1,00		350 000,00 €
8.	REABILITAÇÃO ACESSOS METRO	vg	1,00		20 000,00 €
9.	PAVIMENTOS, REMATES E REVESTIMENTOS	vg	1,00		2 375 050,00 €
	CONTÍNUO PERMEÁVEL BEGE (com inerte de lioz reaproveitado)	m2	15500,00	90,00 €	1 395 000,00
	CONTÍNUO PERMEÁVEL ANTI-RUÍDO (com inerte de lioz reaproveitado)	m2	5200,00	90,00 €	468 000,00
	CONTÍNUO PERMEÁVEL VERDE - CICLOVIA (com inerte de lioz reaproveitado)	m2	1000,00	80,00 €	80 000,00
	CONTÍNUO IMPERMEÁVEL BEGE - ZONAS DE ACUMULAÇÃO DE ÁGUA (lioz reaproveitado)	m2	650,00	90,00 €	58 500,00
	LIOZ A CUTELO - PALCO	m2	520,00	90,00 €	46 800,00
	CALÇADA DE VIDRAÇO A MANTER E COMPLETAR	m2	4050,00	70,00 €	283 500,00
	TERREIRO EM SAIBRO ESTABILIZADO	m2	865,00	50,00 €	43 250,00
10.	ZONAS VERDES	vg	1,00		555 200,00 €
	OPERAÇÕES PRELIMINARES DE PREPARAÇÃO DO TERRENO	m2	8250,00	10,00 €	82 500,00
	PLANTAÇÕES DE ÁRVORES	un	610,00	320,00 €	195 200,00
	PLANTAÇÕES DE ARBUSTOS E HERBÁCEAS	m2	3000,00	75,00 €	225 000,00
	SEMENTEIRA DE PRADOS	m2	5250,00	10,00 €	52 500,00
11.	REDE DE REGA	vg	1,00		170 500,00 €
	REGA GOTA A GOTA PARA MANCHAS ARBUSTIVAS	m2	3000,00	25,00 €	75 000,00
	REGA GOTA A GOTA PARA ÁRVORES EM CALDEIRA	un	320,00	150,00 €	48 000,00
	REGA RADICULAR PARA ÁRVORES EM PRADOS	un	100,00	160,00 €	16 000,00
	BOCAS DE REGA - PRADOS	un	105,00	300,00 €	31 500,00
12.	PLANOS DE ÁGUA	vg	1,00		150 000,00 €
	SISTEMA DE CIRCULAÇÃO DE ÁGUA				
	SISTEMA DE TRATAMENTO DE ÁGUA				
13.	EQUIPAMENTO E MOBILIÁRIO URBANO	vg	1,00		209 750,00 €
	EQUIPAMENTO FITNESS	un	5,00	10 000,00 €	50 000,00
	EQUIPAMENTO INFANTIL	un	3,00	25 000,00 €	75 000,00
	SINALÉTICA	un	15,00	250,00 €	3 750,00
	PAPELEIRAS	un	25,00	500,00 €	12 500,00
	BANCOS	ml	528,00	125,00 €	66 000,00
	BEBEDOUROS	un	5,00	500,00 €	2 500,00
14.	ARTE URBANA	vg	1,00		120 000,00 €
15.	ILUMINAÇÃO	vg	1,00		550 000,00 €
	CONFORTO / INTIMISTA	un	15,00		
	CONFORTO / HISTÓRICO	un	47,00		
	CONFORTO / ÁRVORES	un	40,00		
	SEGURANÇA / VIAS, ACESSOS E PARAGENS	un	15,00		
	DESTAQUE	ml	294,00		
B	INFRAESTRUTURAS VIÁRIAS	vg	1,00		1 000 000,00 €
	REPERFILAMENTO CARRIS ELÉCTRICOS	ml	150,00	3 000,00 €	450 000,00
C	REDE DE DRENAGEM DE ÁGUAS RESIDUAIS DOMÉSTICAS E PLUVIAIS	vg	1,00		300 000,00 €
D	REDE ELÉTRICA	vg	1,00		250 000,00 €
E	TELECOMUNICAÇÕES	vg	1,00		200 000,00 €
F	REDE DE ABASTECIMENTO DE ÁGUAS E DE SERVIÇO DE COMBATE A INCÊNDIO	vg	1,00		200 000,00 €
H	LIMPEZA DA OBRA	vg	1,00		50 000,00 €
TOTAL GLOBAL					7 579 000,00 €

